

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA - FAFICH
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA
DANIEL BRUNO DOS REIS

A CONSTITUIÇÃO MASOQUISTA DO PSIQUISMO:
Uma análise crítica da teoria freudiana do princípio de prazer

BELO HORIZONTE

2014

DANIEL BRUNO DOS REIS

A CONSTITUIÇÃO MASOQUISTA DO PSIQUISMO:
Uma análise crítica da teoria freudiana do princípio de prazer

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Especialista em Psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Verlaine Freitas

BELO HORIZONTE

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao Id, ao SuperEu e ao Eu que compõe meu psiquismo que transportaram para o texto meu desejo ou um representante dele, fazendo com que esta escrita se desse de acordo com o necessário do tema. Agradeço também ao Prof. Dr. Verlaine Freitas, orientador desta pesquisa, que de forma objetiva e didática, academicamente falando, guiou as aspirações de pesquisas para que fosse definido de forma clara os aspectos deste trabalho. Agradeço também ao Prof. Dr. Fábio por algumas dicas essenciais que contribuíram para a produção deste texto.

*“Você não acha que o objetivo do casamento seja tornar
o fingimento necessário para ambas as partes?”*

(De Olhos bem fechados)

RESUMO

A Psicanálise trouxe uma nova perspectiva de abordagem da sexualidade, relacionando-a ao infantil, ao prazer, ao masoquismo, etc. Esta pesquisa tem como objetivo repensar o estudo da sexualidade humana na teoria psicanalítica, usando como recorte uma abordagem do prazer e do masoquismo em relação à constituição psíquica. Propomos uma análise crítica de três importantes textos freudianos, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, “Além do princípio de prazer” e “O problema econômico do masoquismo”, que visa esclarecer tanto o conceito de prazer quanto o de masoquismo. A fim de tornar clara essa análise e expor com mais ênfase nossas conclusões a este respeito, interpretamos a obra cinematográfica “De olhos bem fechados” de Stanley Kubrick.

Palavras-chave: Freud, psicanálise, sexualidade, masoquismo, princípio de prazer.

ABSTRACT

Psychoanalysis has brought a new perspective to the approach on sexuality, relating it to children, pleasure, masochism, etc. This research aims to rethink the study of human sexuality in psychoanalytic theory, using as a frame of reference an approach on pleasure and masochism in relation to psychic constitution. We propose a critical analysis of three major Freudian texts, “Three Essays on the Theory of Sexuality”, “Beyond the Pleasure Principle” and “The economic problem of masochism”, which aims to clarify the concepts of pleasure and masochism. In order to clarify this analysis and present our findings with more emphasis on this point, we interpret the cinematographic work “Eyes Wide Shut” by Stanley Kubrick.

Keywords: Freud, psychoanalysis, sexuality, masochism, pleasure principle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O PRAZER E O MASOQUISMO EM FREUD	12
2 SEXUALIDADE, PRAZER E MASOQUISMO	27
3 DE OLHOS MASOQUISTAMENTE FECHADOS	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	56

INTRODUÇÃO

A sexualidade tem sido tema de estudo de diversas áreas de conhecimento que se dedicam à pesquisa do ser humano. Não seria diferente com a Psicanálise que, como sabemos, centra-se na sexualidade como determinante na constituição psíquica e na vida do indivíduo. Freud, o pai desse complexo sistema de pensamento, já em sua época, foi largamente criticado por atribuir à sexualidade um papel tão central, mas, mesmo assim, não deixou de desenvolver sua teoria a respeito do assunto. Partimos desta tese freudiana de que a sexualidade é fundamental no desenvolvimento psíquico, sendo, portanto, necessário um estudo metuculoso a respeito do tema.

A sexualidade, porém, é um conceito que necessariamente se relaciona a outros, e a relação íntima entre dois desses conceitos causa grande pavor nos pesquisadores que se dedicam a estudar a vida sexual: o prazer e o masoquismo. Nosso objetivo é repensar o conceito de masoquismo, como ele tem sido visto clinicamente, sobretudo em relação ao conceito de prazer, sua temporalidade e seu papel na constituição psíquica e na conservação do eu.

A primeira questão que surge ao ter como objetivo falar sobre prazer e masoquismo em psicanálise é: por onde começar? Como seria de se esperar, pelas formulações de Freud que escreveu em 1924 “O problema econômico do masoquismo” para tratar do conceito de masoquismo e pensar qual a sua relação com a economia psíquica. Neste texto ele discute com mais ênfase os efeitos e a responsabilidade do masoquismo no funcionamento psíquico.

Dedicamos o primeiro capítulo deste estudo à análise deste primoroso texto freudiano sob um ponto de vista crítico que nos permitiu expandir o texto em sua abrangência dos conceitos que buscamos esclarecer. “O problema econômico do masoquismo”, porém, é um texto tardio de Freud sobre a sexualidade considerando que em 1905 ele já havia feito sua aposta teórica a este respeito quando publicou os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Acreditamos que o texto de 1924 sobre o masoquismo é uma compilação dos avanços teóricos alcançados por Freud até então, que passam, além dos *Três ensaios*, pelo “Além do princípio de prazer”, publicado em 1920 e que se dedicava especialmente a encontrar respostas sobre a questão do prazer na economia psíquica.

Estabelecer este percurso de estudo nos permitiu ver como o prazer e o masoquismo estão constitucionalmente ligados à economia psíquica e ao seu funcionamento de modo geral. Sendo assim, procuraremos analisar estes três textos acima citados em sua ordem

cronológica de publicação, para que possamos acompanhar os passos de Freud e suas descobertas, e também para que possamos produzir certas críticas sobre as ideias ali expostas.

Tentaremos analisar os motivos que levaram Freud a organizar os ensaios sobre a sexualidade de tal modo que falasse primeiramente sobre as “aberrações sexuais”, assim como pensar na relação estabelecida por Freud entre a neurose e a perversão e seus efeitos no psiquismo. Também procuraremos pensar sobre a relação da sexualidade com o infantil e com a vida adulta e que relação temporal ou atemporal é possível estabelecer entre estes termos. Naturalmente, essa discussão levanta um paradoxo sobre a busca de prazer na vida psíquica, e, portanto, passaremos ao texto de 1920 para pensarmos o que realmente está além do princípio de prazer que Freud estabeleceu, e defendeu até o final dessa obra, que é responsável pela economia psíquica.

Realizadas estas discussões passaremos ao “Problema econômico do masoquismo”, que nos possibilitará, a partir de nossa crítica, uma visão mais clara sobre o conceito de masoquismo em Freud, seus tipos (sobretudo o masoquismo feminino, que criticaremos com mais ênfase) e seu papel na economia psíquica. Este texto nos permitirá concluir que aquilo que está além do princípio de prazer é a sexualidade masoquista.

No primeiro capítulo, não será nossa intenção fazer uma mera revisão bibliográfica a respeito dos temas que tratamos na obra de Freud. Para além disso, buscaremos criticar algumas de suas elaborações, ressaltando, assim, algumas reviravoltas teóricas, e talvez até metapsicológicas em relação a tais temas. Apesar de pretendemos, já no primeiro capítulo, expandir o entendimento teórico a respeito do prazer e do masoquismo a partir de nossa crítica, será no segundo capítulo que produziremos uma crítica mais elaborada a respeito desses conceitos. Para tal recorreremos a dois importantes teóricos da Psicanálise contemporânea, Leo Bersani e Jean Laplanche, que, a partir de sua crítica textual de Freud nos trazem importantes contribuições a respeito do prazer e do masoquismo.

Até este ponto do texto, algumas questões sobre a temporalidade do masoquismo na constituição psíquica já terão sido levantados, mas somente com o estudo do texto *Le masochisme originaire dans le champ de la pulsion sexuelle*, publicado por Laplanche em 1992, será possível esclarecer as ideias que tentamos defender a esse respeito. É importante salientar que, quando falamos em temporalidade, nos referimos às etapas ou momentos do desenvolvimento psíquico, e, portanto, falamos do lugar que o masoquismo ocupa na constituição psíquica. Ele é consequência de algum outro processo ou mecanismo, ou ele dá origem a esses mesmos processos e mecanismos? Essa é uma das questões que tentaremos responder com estudo da teoria laplancheana sobre o masoquismo e constituição psíquica.

Em seguida trabalharemos o texto *Sexuality and aesthetics* publicado em 1984 por Leo Bersani, do qual extrairemos ainda mais críticas sobre os textos freudianos. O autor questiona vários aspectos dos textos freudianos que são de extrema importância para nosso estudo e nos ajudarão a compreender o masoquismo, sua relação com o psiquismo, sua constituição e sua preservação.

Iremos, a partir do texto de Bersani, questionar a ordem dos ensaios sobre a sexualidade, organizados por Freud de maneira aparentemente desconexa, o que nos permitirá perceber o valor teórico que esta organização tem diante do seu objeto. Além desta análise, seguiremos o percurso de Bersani, semelhante ao que faremos no primeiro capítulo, para repensar alguns pontos sobre o “Além do princípio do prazer” de Freud. Uma das observações de Bersani (1984) é que Freud parece sugerir que a sexualidade estaria justamente localizada neste além do princípio de prazer do qual ele fala durante todo o texto. Essa ideia a respeito da sexualidade nos será de grande valor para pensarmos a relação entre o prazer e o desprazer, e concluir que o desprazer é tão responsável pela sobrevivência psíquica quanto o prazer.

Retomaremos, a partir do texto de Bersani, a máxima de Freud que diz que todo encontro é um reencontro, para repensarmos a relação de objeto estabelecida pela sexualidade que tem como consequência tanto o prazer como o desprazer. Pretendemos esclarecer que o objeto atualizado por este que faz as vezes do seu original, não tem grande importância, já que é a apropriação de um objeto qualquer que possa estimular o psiquismo da forma que tem destaque nesta relação. Essa conclusão nos permitirá repensar a relação entre esse encontro, a repetição e o masoquismo, que tem um papel fundamental de atualização da sexualidade infantil recalcada e refinamento da relação de investimento libidinal com o objeto externo que busca reviver essa sexualidade originalmente masoquista.

O texto de Bersani irá nos levar a estabelecer um paralelo entre a passividade com a qual a criança é brutalmente efratada pela sexualidade do adulto, o masoquismo responsável pela intricação pulsional, e a sexualidade que daí surge a partir do abandono do apoio. Com isso, poderemos definir exatamente qual é o papel do masoquismo no desenvolvimento psíquico e defenderemos ao final do segundo capítulo que o masoquismo serve à vida, como bem afirma Bersani em seu texto.

Essas análises críticas, apontamentos e conclusões devem, de algum modo, ser pensadas para além de uma metapsicologia. Para tanto, recorreremos no terceiro capítulo a uma análise interpretativa (clínica) de uma obra cinematográfica de Stanley Kubrick, que nos permitirá ver “de olhos bem fechados” as nuances da sexualidade, e, portanto, do masoquismo de que tanto falaremos aqui. A frase anterior já aponta para o tipo de análise que iremos fazer

desta obra, que tomaremos como uma realidade perfeitamente palpável. Tomaremos o nome dado ao filme, *De olhos bem fechados*, em uma analogia com a atenção uniformemente flutuante usada pelos analistas como técnica diante da associação livre de seus pacientes.

Ver, ou melhor, analisar o filme de olhos bem fechados, irá nos permitir ver as nuances das metáforas sobre a sexualidade humana que Kubrick procurou capturar com tanta maestria, tendo em vista o romance de Arthur Schitzler, *Breve romance de sonho*. Bill e Alice, protagonistas da história, atualizam a sexualidade infantil perversa e polimorfa, masoquista por constituição, através das excitações a que se expõem no filme. Não se permitem, no entanto, identificar-se com o lugar de passividade em que se encontram, buscando assim saídas possíveis para abarcar essa pulsão transbordante.

Nossa análise do filme, no terceiro capítulo, nos permitirá ver com clareza todos os aspectos tratados nos capítulos anteriores, assim como analisar dois caminhos que o masoquismo pode seguir, um que preserva a vida e outro que a põe em risco iminente por abandonar a relação de objeto.

1 O PRAZER E O MASOQUISMO EM FREUD

Desde seus primórdios, a Psicanálise se preocupou com o tema da sexualidade humana, tendo a partir daí se movido em larga escala em prol de decifrá-la ou ao menos compreender sua gênese e efeitos na vida do indivíduo. Freud, precursor deste sistema de pensamento, debruçou-se sobre seus casos clínicos, teceu hipóteses diversas a respeito dessa realidade que afligia seus pacientes, e afirmou que a sexualidade servia de alicerce para o sofrimento psíquico em evidência na época. Seguindo este caminho, Freud acabou por atribuir à sexualidade um papel crucial no desenvolvimento do psiquismo humano, colocando-a no centro de sua teoria a esse respeito, o que fez com que fosse largamente criticado na época e até nos dias atuais, sendo inclusive chamado de sexista. Embora tenha, a partir de 1920, diminuído e transformado substancialmente sua ênfase no recalque da sexualidade como fundamento do psiquismo¹, tais críticas não o demoveram de seus estudos e descobertas a respeito do desenvolvimento psíquico e, portanto, da sexualidade.

Apesar de seu empenho no estudo minucioso de seus casos clínicos e da constatação da sexualidade como tendo um papel fundamental no desenvolvimento psíquico, foi somente em 1905 que Freud publicou um texto mais elaborado sobre a sexualidade. Os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” foram divididos, por assim dizer estrategicamente, em três capítulos: “As aberrações sexuais”; “A sexualidade infantil” e “As transformações da puberdade”.

Alguns leitores poderiam estranhar que figure como primeiro capítulo do texto justamente o que trata das aberrações sexuais, que compreendem as perversões e as inversões sexuais como Freud nomeou. A expectativa, em princípio, seria que este estudo freudiano apontasse o desenvolvimento psíquico a partir da sexualidade em seus momentos, fases ou etapas. A reestruturação do texto, trazida por Freud, desviando-se dessa lógica mais histórico-cronológica de pensamento, esclarece-se pela necessidade de elucidar determinados aspectos da sexualidade humana que vão clarificar o desenvolvimento sexual a partir do infantil, tema desenvolvido no segundo capítulo do seu texto.

Iniciar um texto sobre a sexualidade humana falando sobre as aberrações sexuais aponta em certa medida para a importância das mesmas – sobretudo as perversões – na constituição do psiquismo e na vida humana. Mas esta é uma ideia que ficará em suspenso,

¹ Cf. a esse respeito Laplanche: *Freud e a sexualidade. O desvio biologizante*.

para que abordemos por hora outros pontos importantes para a compreensão do paralelo paradoxal entre o prazer e o masoquismo nesta parte do estudo.

Um dos pontos de que trataremos aqui é a atribuição do que chamamos de certa normalidade em relação à perversão sexual. Freud (1905, p. 152) aponta que “a experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade”. Essa frase deixa clara a intenção de Freud em estabelecer uma diferença entre a perversão enquanto estrutura e as práticas sexuais reconhecidas culturalmente como perversas, que estão presentes na sexualidade de todo sujeito neurótico. Sobre este ponto, ao longo do texto Freud (1905) enumera vários tipos de perversão, elucidando o sentido do termo como um desvio da pulsão em relação ao objeto e ao objetivo, subdividindo essas categorias em outras ainda mais específicas.

Apesar de praticamente escrever um manual dos tipos de perversão, dividindo-os em categorias, Freud (1905) deixa muito claro em seu texto que, para além do termo utilizado para designar um desvio da pulsão sexual, é preciso considerar que “o caso só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche² se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar do alvo sexual normal, e, ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual” (FREUD, 1905, p. 146). Assim, Freud desvincula as práticas sexuais não-normais, ditas perversas, da estrutura fechada da perversão, diferenciando-as a partir do ponto de vista da fixação da pulsão. Com isso, fica claro que o que é pervertido em tais práticas sexuais é a relação com a função biológica do sexo, a qual não diz respeito à motivação mais própria da sexualidade humana.

Já mencionamos neste estudo o caráter perverso da sexualidade dita “normal” por Freud, mas de que maneira isso vai aparecer na neurose? Freud, no *Posfácio* do caso Dora publicado também em 1905, responde dizendo que os sintomas são a atividade sexual dos doentes. Sabemos que os sintomas são a solução de compromisso entre as exigências das pulsões sexuais e o eu, situação que caracteriza um conflito entre “uma necessidade sexual desmedida e uma excessiva renúncia ao sexual” (FREUD, 1905, p. 156).

O fato é que se tem de alinhar o recalçamento sexual, enquanto fator interno, com os fatores externos que, com a restrição da liberdade, a necessidade do objeto sexual normal, os riscos do ato sexual normal etc., permitem que surjam perversões em indivíduos que, de outro modo, talvez permanecessem normais. (FREUD, 1905, p. 161).

² Consideraremos neste estudo o fetiche como exemplo de perversão de modo geral, a fim de favorecer a compreensão das ideias expostas.

O ensejo para o adoecimento apresenta-se à pessoa de disposição histérica³ quando, em consequência de sua própria maturação progressiva ou das circunstâncias externas de sua vida, as exigências reais do sexo tornam-se algo sério para ela. Entre a permanência da pulsão e o antagonismo da renúncia ao sexual situa-se a saída para a doença, que não soluciona o conflito, mas procura escapar a ela pela transformação das aspirações libidinosas em sintomas. (FREUD, 1905, p. 156).

Acrescentamos ainda que Freud (1905) constata que, para além do conflito psíquico entre as forças pulsionais que demandam satisfação e a exigências culturais (que na segunda tópica são ditas como representadas pelo supereu⁴), que barram essa satisfação, os sujeitos ditos neuróticos apresentam certa propensão incomum em escolher modos e meios perversos em sua vida sexual. Ele conclui com isso que “os sintomas se formam, em parte, às expensas da sexualidade *anormal*; a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão” (p.157). Essa comparação é possível, pois ela aponta para o fato de que o sintoma do neurótico, sendo a elaboração das fantasias perversas como meio de satisfação pulsional, é o reflexo simétrico da atuação consciente do perverso como meio de satisfação. Na nota de rodapé colocada na citação acima da edição brasileira, o editor explica que já em 1901, no livro “Psicopatologia da vida cotidiana”, Freud compara as fantasias conscientes do perverso, os temores delirantes do psicótico e as fantasias inconscientes da histérica, afirmando coincidirem entre si.

No final do primeiro capítulo dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud escreve:

Mas devemos dizer ainda que a suposta contribuição que exhibe os germes de todas as perversões só é demonstrável na criança, mesmo que nela todas as pulsões só possam emergir com intensidade moderada. Vislumbramos assim a fórmula de que os neuróticos preservam o estado infantil de sua sexualidade [...]. Desse modo nosso interesse volta-se para a vida sexual da criança, e procederemos ao estudo do jogo de influências que domina o processo de desenvolvimento da sexualidade infantil até o seu desfecho na perversão, na neurose ou na vida sexual normal. (FREUD, 1905, p. 162).

Este parágrafo aponta fatalmente para a já citada estratégia de Freud em iniciar o texto falando das aberrações sexuais, pois é exatamente isto que justifica a existência e a necessidade de estudar a vida sexual infantil, já que é na criança que podemos observar com clareza as perversões. O texto segue com o segundo capítulo, inteiramente dedicado à sexualidade infantil e suas nuances, que vão apontar para o devir da sexualidade do adulto.

³ Para melhor compreensão das ideias expostas neste estudo, e resguardadas as devidas proporções, consideraremos a disposição histérica como o exemplo de neurose em geral.

⁴ Mais adiante neste estudo, um esclarecimento sobre a constituição do supereu proporcionará um entendimento mais elaborado à respeito do conflito psíquico gerador dos sintomas das elaborações masoquistas e da neurose de modo geral.

Em um tempo em que mal se falava em sexualidade, foi uma grande e inovadora aposta teórica de Freud apontar sua gênese na infância.

Precisamos, para uma compreensão mais adequada do tema, matizar a sexualidade e nos desprender da ideia do sexual apenas como algo relativo à genitalidade e ao ato sexual propriamente dito. Esse movimento já foi apontado por Freud (1920, p. 62; tradução modificada): “O conceito de ‘sexualidade’ e, ao mesmo tempo, de pulsão sexual, teve, é verdade, de ser ampliado de modo a abranger muitas coisas que não podiam ser classificadas sob a função reprodutora”. A sexualidade deve, então, ser vista desvinculada da função reprodutora, e por consequência não necessariamente vinculada à genitalidade.

É exatamente esta a proposta de Freud quando diz que a criança tem um corpo erotizado que emana sexualidade em busca de satisfação. Ele apresenta a ideia de que a sexualidade se desenvolve em fases, cada uma delas a partir da erotização de uma parte do corpo. Com isso advém o conceito de zonas erógenas, que determinam as fases: oral, anal, fálica e mais tarde, após o período de latência, a fase genital, na qual a sexualidade se volta prioritariamente para o órgão sexual⁵. A instituição do conceito de zonas erógenas como objetos de ligação da pulsão implica o conceito de pulsão parcial e a ideia de que a pulsão pode ser satisfeita, poderíamos dizer, de qualquer maneira possível e que ela é apenas parcialmente satisfeita (FREUD, 1905).

Essas elaborações serviram de base para Freud neste mesmo texto chegar à conclusão de que a sexualidade infantil é perverso-polimorfa, ou seja, a pulsão se enveredará desde sempre por infinitos caminhos, fixando-se em objetos não previamente estabelecidos e, portanto de maneira pervertida (como um desvio relativo à função biológica de reprodução), em busca de satisfação. E é exatamente essa virada que propõe Freud neste texto, apontando que a sexualidade humana, infantil em seu fundamento, não é funcionalmente estabelecida, pois o que está em questão é a busca de prazer.

Chegamos aqui então na questão do prazer. O que venha a ser ele para a Psicanálise? Essa é uma questão que ainda gera grandes discussões, pois, ao estabelecer seu conceito, o próprio Freud ao longo de sua obra se deparou com impasses, alguns dos quais não foram aprofundados por ele. O principal paradoxo em relação à esse conceito em psicanálise refere-se justamente ao *princípio de prazer* estabelecido por Freud, que regeria o funcionamento psíquico, ao se evitar a dor e o desprazer e buscar o seu oposto, ou seja, o prazer. Numa

⁵ Mesmo nessa fase do desenvolvimento sexual e apesar do investimento libidinal da pulsão no órgão sexual, sabemos que não é só ele – órgão – que está em questão. Sobre tudo depois na vida adulta. Portanto não podemos mesmo assim atribuir a sexualidade apenas ao genital.

tentativa de esclarecer estes conceitos Freud escreveu e publicou em 1920 o texto “Além do princípio de prazer”, que de alguma maneira aponta para outros paradoxos em relação ao funcionamento psíquico, principalmente no que se refere à satisfação da pulsão na busca de prazer e seu vínculo com a vida e a morte.

Para uma melhor compreensão sobre o prazer em psicanálise a partir dos textos acima citados, seguiremos um caminho detalhado de esclarecimentos a respeito do prazer e do princípio de prazer, a fim de pensarmos em algo além desse conceito que o coloque em cheque, culminando em uma reviravolta metapsicológica.

O caminho utilizado por Freud (1920) para compreender o prazer é pensá-lo juntamente com seu par contrário, o desprazer. Ele pensa este binômio a partir de uma lógica quantitativa de troca de energia dentro do aparelho psíquico, ligada à percepção, tanto externa quanto interna, e estabelecida como uma taxa de excitação do aparelho psíquico, sendo seu aumento entendido como desprazer e a diminuição como prazer. Essa teoria é baseada no princípio da constância, que visa manter um equilíbrio estático e constante no organismo. Aplicado ao aparelho psíquico, o equilíbrio visado seria a diminuição completa da excitação produzida em seu interior, ou seja, a descarga de toda a pulsão, satisfação do desejo, o que implica certa regulação da pulsão no psiquismo e se liga ao conceito de economia psíquica, que iremos abordar ao longo deste capítulo de maneira tangencial.

Freud (1920) tomou o princípio de prazer como responsável por essa regulação, escrevendo que:

Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação do desprazer ou uma produção de prazer. (FREUD, 1920, p. 17).

Fica estabelecido, assim, que existe no psiquismo um princípio de busca do prazer, que nem sempre se realiza, considerando, de acordo com Freud (1920), que em contrapartida há o funcionamento do *princípio de realidade*, cuja função é o adiamento do prazer, ou mais especificamente, o adiamento da satisfação da pulsão, ou da descarga total da mesma. É neste texto e a partir dessa ideia que Freud vai encaminhar seu estudo para as conclusões a que chegou a respeito da pulsão de vida e de morte como as instâncias que de alguma maneira regem o funcionamento psíquico. Não nos deteremos nestes conceitos agora, mas precisamos tê-los em mente para seguir com este estudo.

Quando Freud (1920) apresenta o princípio de prazer como a instância reguladora de prazer no psiquismo, aponta para o fato de ele provocar ou instigar o recalque do conteúdo que não pode ser satisfeito, ou seja, da pulsão sexual infantil. No final da primeira parte do texto, ele diz que o recalque transforma uma promessa de prazer em algo que gera desprazer, sendo este a representação de “um prazer que não pode ser sentido como tal” (p. 21).

Estas elaborações nos levam a concluir que, paradoxalmente, prazer e desprazer seriam o resultado um do outro, numa forma de solução para o conflito posto no aparelho psíquico entre a necessidade de satisfação da pulsão e a censura que impede tal satisfação. É possível supor que exista uma necessidade psíquica pela busca do desprazer em prol da integridade do eu que precisa, em meio a uma guerra de demandas/impulsos, abdicar de seus desejos, reencaminhando a pulsão para outros lugares. Pensar numa necessidade de produção de desprazer em prol do eu é algo no mínimo estranho ou até mesmo bizarro, mas que precisamos considerar para promover o avanço das discussões propostas neste estudo. Neste ponto, entretanto, ainda deixaremos esta questão em aberto e prosseguiremos com o texto freudiano, colhendo aquilo que ele pode nos oferecer como ferramenta crítica sobre o masoquismo e o prazer.

A fim de sustentar sua teoria Freud (1920) parte de dois exemplos que poderiam justificar a ideia de uma produção de desprazer necessária ao funcionamento psíquico. Um dos exemplos são as neuroses traumáticas, que ele compara à histeria devido aos numerosos sintomas motores, inabilidade e perturbação mental. Ele traz este exemplo devido principalmente ao fato de os pacientes que passaram por algum tipo de trauma na realidade produzirem e relatarem em análise sonhos cujo conteúdo se referia diretamente a esses traumas, como se nos sonhos eles fossem revividos em larga escala. Ao trazer este exemplo para pensar o paradoxo posto entre prazer e desprazer, Freud se vê diante outra questão metapsicológica: o sonho é ou não realização de desejo? E juntamente a esta questão podemos colocar outra relativa à proporcionalidade entre prazer e realização de desejo. A esse respeito ele escreve:

Se não quisermos que os sonhos dos neuróticos traumáticos abalem nossa crença no teor realizador dos sonhos, teremos ainda aberta a nós uma saída: podemos argumentar que a função de sonhar, tal como muitas pessoas, nessa condição está perturbada e afastada de seus propósitos, ou podemos ser levados a refletir sobre as misteriosas tendências masoquistas do eu. (FREUD, 1920, p. 24; tradução modificada).

Chegamos com essas palavras a um ponto importante. Não é por acaso que, apesar de estabelecer uma justificativa plausível apoiada numa falha dos sonhos em realizar desejos nos

neuróticos traumáticos, Freud escreve que podemos refletir sobre as tendências masoquistas do eu. Essa conclusão que apreendemos das palavras de Freud é de extrema importância para pensarmos a relação entre o prazer e o masoquismo, que é a intenção deste capítulo. Prosseguiremos a partir daqui tendo em vista que é necessário pensar e repensar o quão masoquista o eu se mostra ser em suas elaborações, ou em suas formações de compromisso a fim de em alguma medida satisfazer a pulsão e proteger sua integridade. Com isso prosseguiremos até chegarmos ao ponto de retomar especificamente o masoquismo.

Elaborando mais as ideias a respeito de um além do princípio de prazer, Freud (1920) cita o exemplo bastante conhecido do *Fort-da*, extraído da observação de um garoto de um ano e meio, comportamento exemplar e cuja relação com os pais, sobretudo com a ausência da mãe, não lhe causava qualquer angústia. “Esse bom menino, contudo, tinha o hábito ocasional e perturbador de apanhar quaisquer objetos que pudesse agarrar e atirá-los longe para um canto, sob a cama, de maneira que procurar seus brinquedos e apanhá-los, quase sempre dava um bom trabalho” (FREUD, 1920, p. 25). Uma das observações freudianas é que essa brincadeira na verdade era um *jogo* de ir embora com tais brinquedos, e esse era o único uso que fazia deles. A confirmação da teoria a respeito desse jogo foi em outra brincadeira.

O menino tinha um carretel de madeira com um pedaço de cordão amarrado em volta dele. Nunca lhe ocorrera puxá-lo pelo chão atrás de si, por exemplo, e brincar com o carretel como se fosse um carro. O que ele fazia era segurar o carretel pelo cordão e com muita perícia arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que aquele desaparecia por entre as cortinas [...]. Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão e saudava o seu reaparecimento [...]. (FREUD, 1920, p. 25 e 26).

Ao contrário da primeira brincadeira, Freud (1920) conclui que neste jogo com o carretel o ciclo se completava: além do desaparecimento, o retorno faz parte do jogo. Este seria encenado nas brincadeiras de crianças cumprindo um papel fundamental de elaboração de vivências de certa forma traumáticas. Neste caso específico, o verdadeiro propósito da brincadeira com o carretel estaria no segundo momento, que garante, em sua volta ao puxar da corda, alívio da tensão no aparelho psíquico. Esse ato de retorno do carretel representa ludicamente a volta da mãe depois de seu período, inevitável, de ausência para a criança. Apesar da ênfase dada, no texto freudiano, ao segundo momento da brincadeira, é de extrema importância para este estudo que ressaltemos o primeiro momento da brincadeira, como ato de produção de desprazer em prol de uma elaboração *a posteriori* pelo eu. Mais uma vez, tem-se em vista a ideia de um retorno ao masoquismo como saída mais viável para o eu diante dos conflitos com a pulsão sexual.

É importante considerarmos que o masoquismo é o que coloca em cheque a teoria do princípio do prazer e o conceito de prazer em psicanálise. Freud (1920), a partir do exemplo acima citado, chega à conclusão de que recorrer à produção de desprazer – mais especificamente ao masoquismo – como saída possível apresenta-se como caminho de elaboração ativa em relação àquilo que originalmente causa desprazer devido ao conteúdo sexual recalcado. No jogo, a criança assume um papel ativo, apesar de se colocar lúdica e passivamente à disposição de um desprazer, que justamente por isso pode ser controlado. Portanto “mesmo sob a dominância do princípio de prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado na mente” (FREUD, 1920, p. 28).

Seguindo mais adiante no “Além do princípio de prazer”, Freud vai introduzir um conceito de extrema importância para a Psicanálise de modo geral e principalmente que contribui para as questões relativas ao masoquismo e ao prazer: a repetição. O próprio Freud (1920) diz no texto que até então a grande preocupação da Psicanálise era a interpretação das lembranças relatadas em associação livre, mas que a experiência clínica demonstra que há uma necessidade no sujeito de repetir ao invés de recordar os conteúdos da sexualidade infantil recalcada, que retorna causando incômodo.

Apenas a título de conhecimento, já que não é o foco deste estudo, lembremos que Freud (1920) nos ensina que, na clínica, essa repetição aparece como atuação do sujeito na transferência, culminando na neurose de transferência, essencial para o tratamento analítico. Nesta mesma perspectiva, ele acrescenta à ideia da repetição o conceito de resistência do sujeito ao tratamento, já que o eu se vê confortável com suas elaborações que em certa medida vão sendo desconstruídas. A resistência seria, portanto, um mecanismo do eu que visa evitar o desprazer que aparece como consequência do retorno do recalcado que atua na repetição. Sendo a repetição um mecanismo do isso, responsável pela busca de prazer (FREUD, 1920), e também um mecanismo que busca o prazer a partir das tendências masoquistas do eu, já descritas anteriormente neste texto.

Se levarmos em consideração observações como essas, baseadas no comportamento, na transferência e nas histórias de vida de homens e mulheres, não só encontraremos coragem para supor que existe na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer, como também ficaremos agora inclinados a relacionar com essa compulsão os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar. (FREUD, 1920, p. 33).

A partir dessa conclusão a que chegou Freud, podemos depreender que o sonho, mesmo nas neuroses traumáticas, como já defendemos aqui, enquanto realização de desejo, é comparável à repetição e às elaborações infantis a partir do brincar. Com isso, e levando em consideração o fato de as elaborações partirem de uma produção de desprazer, ou seja, algo que remonta ao masoquismo do eu, concluímos que a repetição é uma saída masoquista do eu na busca de prazer.

Chegamos, enfim, ao ponto de falar do masoquismo propriamente dito, para assim sustentar melhor as discussões a respeito do prazer em relação ao masoquismo em psicanálise propostas aqui. Prosseguindo com as descobertas freudianas a respeito do funcionamento psíquico e da sexualidade, seguiremos o estudo com o texto “O problema econômico do masoquismo”, escrito em 1924. — Podemos dizer que a percepção de Freud sobre a importância do masoquismo para a constituição psíquica foi tardia, tendo passado por vários outros conceitos e estudos para que chegasse às conclusões deste primoroso texto.

Começamos pelo título do texto: “O problema econômico do masoquismo”, que traduz exatamente o título em alemão dado por Freud (1924). O que vem à mente em primeiro lugar é o impacto do masoquismo, inevitavelmente posto em prática pelo eu, na economia do aparelho psíquico, ou seja, a maneira com que ele satisfaz a pulsão, mantendo o aparelho psíquico em funcionamento, seja de forma subjetivamente saudável ou não. O termo *problema*, utilizado por Freud no título deste trabalho, remete à questão da relação paradoxal que o sujeito tem com o prazer e o sofrimento, ou o prazer no sofrimento, ou em última instância com o desprazer propriamente dito – este que não necessariamente causa sofrimento. Freud (1924) inicia o texto colocando para nós que “se os processos mentais são governados pelo princípio de prazer de modo tal que o seu primeiro objetivo é a evitação do desprazer e a obtenção de prazer, o masoquismo é incompreensível” (p. 177). Estas palavras ainda remetem à uma perspectiva quantitativa em relação à excitação dentro do aparelho psíquico para determinar o que é prazer e o que é desprazer. Mas essa ideia foi colocada em cheque em “Além do princípio do prazer” e o texto “O problema econômico do masoquismo” vem justamente tentar responder ao enigma deixado por tais elaborações. Então, logo depois deste trecho Freud (1924) escreve: “se o sofrimento e o desprazer podem não ser simplesmente advertências, mas, em realidade, objetivos, o princípio de prazer é paralisado – é como se o vigia de nossa vida mental fosse colocado fora de ação por uma droga” (p. 177).

Esse Freud de 1924 parece ainda não ter abandonado completamente o princípio de prazer enquanto regente do funcionamento mental e a ideia quantitativa de excitação, ou pelo menos ainda lança mão delas no “Problema econômico do masoquismo”, para assim poder

ultrapassar estes conceitos em prol de uma nova teoria sobre a economia psíquica. Ele então escreve: “parece que na série de sensações de tensão temos um sentido imediato do aumento e diminuição das quantidades de estímulo, e não se pode duvidar que há tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos de tensão” (FREUD, 1924, p. 178). Um bom exemplo que clarifica essa ideia é a excitação sexual, cujo prazer é diretamente proporcional ao aumento de excitação, ou seja, quanto maior a excitação, maior o prazer. Apesar desse ensinamento, Freud (1924) parece reticente em não abrir mão da ideia quantitativa e logo adiante diz que, quanto ao aspecto qualitativo, supô-lo com certeza seria um grande avanço para a psicologia, mas ainda não é possível sabê-lo assim tão concretamente.

Um pouco mais adiante no texto, Freud (1924) qualifica o princípio de nirvana como aquele que expressa a pulsão de morte (como modificação do princípio de prazer, que expressa as exigências de satisfação pulsional), e por outro lado o princípio de realidade como a influencia e exigências da cultura. Apesar de estarem a serviço de forças diferentes e se influenciarem, Freud aponta que eles não se anulam, mas, ao contrário, consentem o funcionamento um do outro. É importante ressaltar que, com essa resolução sobre o funcionamento desses princípios, já podemos pensar na ideia de uma intrincação pulsional presente na economia psíquica. Apesar disso, ou mais precisamente, com base nesses argumentos, Freud afirma que ainda não é possível abandonar a descrição do princípio de prazer como “vigia de nossas vidas” (FREUD, 1924, p. 179). Insistiremos na ideia de que é preciso repensar a economia psíquica a partir do masoquismo, apontando qual é o lugar deste na estruturação psíquica e quais seus efeitos.

Para tanto é necessário que retomemos as discussões sobre o masoquismo, assim com o fez Freud no *Problema econômico de masoquismo* e seguirmos seu percurso.

O masoquismo apresenta-se à nossa observação sob três formas: como condição imposta à excitação sexual, como expressão da natureza feminina e como norma de comportamento. Podemos, por conseguinte, distinguir um masoquismo *erógeno*, um masoquismo *feminino* e um masoquismo *moral*. (FREUD, 1924, p. 179).

Já nessa parte do texto encontramos um problema de definição conceitual, talvez um erro de Freud, problema esse que está justamente no fato de ele ter nomeado um masoquismo feminino, apontando que este é uma expressão da natureza feminina. Uma análise cuidadosa do texto freudiano nos dá elementos suficientes para criticar essa definição e pensarmos numa saída melhor para esse problema.

Em primeiro lugar, ao definir o masoquismo feminino como relativo a indivíduos cujas fantasias se satisfazem através da masturbação, ou mais especificamente por uma

satisfação sexual em si mesma, Freud (1924) escreve que “possuímos suficiente familiaridade com esse tipo de masoquismo nos homens” (p. 179). É no mínimo curioso que, mesmo verificando que a experiência clínica – pois a clínica sempre foi o que embasou as observações e proposições freudianas – mostra que é nos homens que esse masoquismo expresso por uma satisfação sexual em si mesma se apresenta com mais clareza, ele tenha proposto chamá-lo de masoquismo feminino. Deixemos a questão em aberto por enquanto para introduzir nuances do conceito, que nos levará exatamente a uma resposta possível.

Freud (1924) afirma que as fantasias no masoquismo feminino podem ser levadas a cabo ou servirem como potencializadoras no ato sexual, mas em ambos os casos o repertório de atuação dessas fantasias envolve “ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, de alguma maneira maltratado, forçado à obediência incondicional, sujado e aviltado”. (p. 179). Com isso ele chega à conclusão de que o (homem) masoquista feminino, em sua fantasia, deseja, complementando, ser tratado como uma criancinha, e mais: uma criança levada. Logo em seguida no texto, Freud (1924) diz que, ao estudar os casos em que as fantasias masoquistas – do tipo feminino – são demasiadamente elaboradas, percebe-se que elas aludem a ser castrado, ser copulado e a dar a luz a um bebê. É justamente sobre este ponto que ele apoia sua justificativa pela denominação deste tipo de masoquismo como feminino, apesar de no mesmo parágrafo aludir que inúmeras são as características relacionadas à vida infantil presentes aí.

Estamos então diante de um paradoxo sobre a terminologia utilizada por Freud para nomear este masoquismo como “feminino”. Essa questão já foi colocada anteriormente, e para pensar numa resposta, podemos partir do ponto em que o texto freudiano nos traz a ideia de que as fantasias que regem o masoquismo – feminino – apontam para o feminino, mas também, e com mais ênfase, como o próprio Freud (1924) ressaltou, para o infantil. Só nos resta então deduzir que uma possível tradução para isso seria que esse masoquismo é da ordem da *passividade*, pois tanto o feminino quanto o infantil apontam para o lugar de passividade do sujeito, tanto o lugar no qual o sujeito masoquista deseja ser colocado, como o lugar de passividade ocupado por este mesmo sujeito, quando em vias de constituição. Dessa maneira, ao falarmos deste tipo de masoquismo, não devemos necessariamente nos referir ao feminino ou ao infantil, mas à passividade. Sendo assim, poderíamos passar a denominar esse masoquismo, referente à satisfação sexual em si mesma, que remete a passividade do sujeito, como *masoquismo de passividade*.

Após essas observações seguiremos apontando que o masoquismo de passividade é permeado por um sentimento de culpa manifesto nas fantasias masoquistas, nas quais o

indivíduo supõe ter cometido algum crime que necessita ser expiado e que está diretamente enleado à masturbação infantil. É exatamente a culpa o elemento-chave do masoquismo moral, que ainda não descrevemos, e que é a forma mais primária de vivência masoquista no psiquismo. (FREUD, 1924).

Antes de passarmos ao masoquismo erógeno e moral, precisamos pensar sobre uma importante reflexão freudiana sobre o masoquismo e a infância. Freud (1924) retoma os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, dizendo que assim como qualquer coisa pode despertar a pulsão sexual, a excitação do sofrimento e/ou do desprazer pode partir de eventos em pequena escala. Logo em seguida ele atribui esse tipo de excitação libidinal – relativa ao sofrimento e/ou desprazer – à infância, afirmando ser um mecanismo que deixa de operar com o desenvolvimento. É exatamente este tipo de excitação relativa à vida infantil que Freud denominou de masoquismo erógeno, que precede os outros, como já comentado.

Para chegar a essa conclusão, Freud (1924) ressalta que ela seria inadequada se não considerasse seu correspondente: o sadismo. A este respeito, ele relembra que, dentre as forças que impulsionam o aparelho psíquico em diferentes direções, está a pulsão de morte, que busca deixar o organismo num estado inerte. Sendo assim, a libido teria a função de encaminhar para fora, para objetos externos, a pulsão que busca domínio e poder, ficando esta a serviço da função sexual. Este movimento é o sadismo propriamente dito. Ainda assim, uma parte da pulsão permanece dirigida para dentro do aparelho psíquico, presa libidinalmente, também a serviço da função sexual. Esta parte seria o masoquismo original, erógeno.

Embora denomine o masoquismo erógeno como original, Freud (1924) não o destaca como primário. Ao contrário: ele estabelece que, na verdade, é o sadismo que surge como movimento inicial, numa tentativa de intrincação pulsional. Apesar disso, poderíamos dizer, a partir das elaborações freudianas, que o sadismo surge concomitante com o masoquismo erógeno, já que se trata em ambos da mesma pulsão que se dividiu entre o mundo externo e o interno. Voltaremos a este assunto no segundo capítulo para pensarmos melhor a respeito do que é originário no desenvolvimento do psiquismo.

A justificativa freudiana para o sadismo como originário é que o movimento da pulsão para o mundo externo, para os objetos externos, seria o que inicia o desenvolvimento psíquico. Em seguida, as projeções sádicas seriam introjetadas, ou seja, de alguma maneira essas forças pulsionais se voltariam para o sujeito – a advir – regredindo a sua situação anterior. Esse movimento de introjeção daria origem a um masoquismo secundário em relação ao erógeno já citado, que o complementaria. Seria esse então o que foi chamado de masoquismo moral.

A terceira forma de masoquismo, o masoquismo moral, é principalmente notável por haver afrouxado sua vinculação com aquilo que identificamos como sexualidade. Todos os outros sofrimentos masoquistas levam consigo a condição de que emanem da pessoa amada e sejam tolerados à ordem da pessoa. O próprio sofrimento é o que importa; ser ele decretado por alguém que é amado ou por alguém que é indiferente não tem importância. Pode ser causado por poderes impessoais ou pelas circunstâncias; o verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha oportunidade de receber um golpe (FREUD, 1924, p. 183).

Primeiramente, é de extrema importância que tomemos cuidado com a desvinculação do sexual que Freud comenta na citação acima. Não se trata da dessexualização do objeto com a introjeção da pulsão, ou mesmo de dizer que a pulsão introjetada não seja sexual. O que está em jogo no masoquismo moral é a relação com o outro que deixa de ser erotizada, dando lugar ao eu como principal objeto de investimento da pulsão que é certamente sexual, mesmo sendo internalizada/introjetada. O próprio Freud (1924) comenta isto no mesmo parágrafo, dizendo que a pulsão destrutiva se volta contra o eu – certamente devido às influências do supereu na dinâmica e na economia psíquicas como veremos mais adiante –, mas o uso do masoquismo para descrever o fenômeno não deve nos levar a abandonar o caráter sexual deste investimento.

Já sabemos que o masoquismo erógeno recobre uma culpa relacionada à masturbação infantil. Como consequência, o masoquismo moral recobrirá também uma culpa, que é inconsciente, relacionada às experiências mais arcaicas de vivência masoquista em relação à sexualidade, levando assim o sujeito a produzir uma situação de sofrimento, de certa forma teatralizada inconscientemente, a partir de uma culpa consciente que busca por expiação, fazendo assim as vezes de uma elaboração ou alienação em relação à sexualidade recalcada, o desejo e a culpa primeira. O exemplo clássico do masoquismo moral é a reação terapêutica negativa, descrita como um movimento em que o sujeito, diante das melhoras alcançadas com a análise, produz situações que retomem as repetições do sintoma, ligadas a um sentimento de culpa, substituto da culpa pelo masoquismo erógeno. O que entra em jogo é a incapacidade de suportar a culpa pela sexualidade, destacando-se assim a necessidade de manter um nível estável de sofrimento operando no psiquismo (FREUD, 1924).

Freud (1924) aponta que há uma necessidade de punição inerente ao funcionamento e economia psíquicos, suscitada pelo conflito existente entre o eu e o supereu, os quais possuem interesses divergentes em relação à pulsão sexual. Neste ponto retomamos as discussões feitas quando falamos do “Além do princípio de prazer”, sobre a tendência masoquista do eu e acrescentamos outra observação de Freud:

Atribuimos a função da consciência ao supereu e reconhecemos a consciência de

culpa como expressão de uma tensão entre o eu e o supereu. O eu reage com um sentimento de ansiedade (ansiedade de consciência) à percepção de que não esteve à altura das exigências feitas por seu ideal, supereu (*Ibid.* p, 184).

Assim como falamos da tendência masoquista do eu, podemos, por consequência, falar de uma tendência sádica do supereu, já que, para Freud (1924), este representa, devido à sua constituição, tanto o isso como o mundo externo. Tal se deve ao fato de o supereu ter surgido da introjeção dos primeiros objetos de investimentos libidinais, os pais, ou, mais especificamente, o outro e suas exigências culturais. Ele afirma que o processo de introjeção desses objetos dessexualiza⁶ a relação do eu com eles, pois seu objetivo foi desviado da sexualidade vinculada ao outro externo. Sendo assim, “o *supereu* reteve características essenciais das pessoas introjetadas – sua força, sua severidade, sua inclinação a supervisionar e punir” (FREUD, 1924, p. 185).

Pensar no sadismo do supereu e no masoquismo do eu, entretanto, nos coloca diante de uma diferença importante, que esclarece com mais ênfase o masoquismo moral. No primeiro, a ênfase está no supereu como a extensão inconsciente da moralidade à qual o eu está submetido. Já no masoquismo moral, fundado sobre as tendências masoquistas do eu, este se submete ao supereu, ou seja, há um desejo de submeter-se, pois há uma necessidade de punição que o eu carrega em si. Essa necessidade advém do sentimento de culpa inconsciente, que pode, segundo Freud (1924), ser traduzido como uma necessidade de punição às mãos de um poder paterno – remetendo assim à sexualidade infantil recalcada. Essa necessidade é o próprio desejo pela passividade, que é relativo também ao ato sexual passivo, estando de alguma maneira, o masoquismo moral no campo do sexual.

Em 1920 Freud nos apresentou a ideia de princípio de prazer como regente do funcionamento psíquico, juntamente com as questões relativas a uma tendência do eu ao masoquismo. Em 1924, Freud tentou esclarecer algumas questões a respeito da economia psíquica a partir do masoquismo e suas nuances. Com isso supomos que o prazer enquanto fim está diretamente relacionado, em termos da economia psíquica, ao masoquismo como uma elaboração do eu para resolver o conflito psíquico.

O masoquismo moral, assim, se torna uma prova clássica da existência da fusão das pulsões. Seu perigo reside no fato de ele originar-se da pulsão de morte e corresponde à parte dessa pulsão que escapou de ser voltada para fora, como pulsão de destruição. No entanto, de vez que, por outro lado, ela tem a significação de um componente erótico, a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal. (FREUD, 1924, p. 188; tradução modificada).

⁶ Devemos entender este conceito como ligado ao plano descritivo do desligamento da pulsão de um alvo externo, que se configurava como um “objeto” erótico em um sentido mais evidente como tal. Dificilmente podemos considerar que a pulsão “deixa de ser” sexual, mesmo que seja introjetada e voltada para o eu.

Chegamos então ao ponto, assim como Freud (1924), de concluir que o masoquismo é responsável pela intrincação pulsional, solucionando desta maneira – ainda não sabemos se de maneira positiva ou negativa – o conflito entre as forças pulsionais que poderiam destruir o eu. Sendo assim, estamos livres para dizer que, de alguma maneira, o masoquismo regula o prazer no aparelho psíquico, sendo responsável pela satisfação parcial da pulsão. Esta conclusão atribui um peso maior de responsabilidade ao masoquismo na economia psíquica, que Freud, apesar de seu texto sobre “O problema econômico do masoquismo”, se manteve cético em atribuir.

Até aqui foi possível pensar a partir do texto freudiano algumas questões sobre o masoquismo e o prazer em psicanálise, fazendo ainda algumas críticas e apontamentos que enriqueceram a teoria a respeito deste tema. Precisamos seguir adiante e propor ainda mais algumas reflexões críticas sobre o assunto, com base em textos de alguns psicanalistas que comentaram e questionaram as ideias de Freud sobre o funcionamento psíquico.

2 SEXUALIDADE, PRAZER E MASOQUISMO

Após os desdobramentos que apresentamos no primeiro capítulo, precisamos refletir sobre o que apontamos como falhas do texto freudiano em definir os conceitos de masoquismo, de prazer e do eu em relação à sexualidade humana, que podem, de alguma maneira, apontar para as nuances deste aspecto inerente ao humano que é a sexualidade e como ela se dá e influencia a vida em sociedade – ou até mesmo como esta última, bem como a cultura de modo geral e as relações de poder, exercem influência sobre a sexualidade. Primeiramente, vamos repensar a relação entre o masoquismo e sadismo numa relação temporal em relação à constituição psíquica.

Já sabemos, a partir das explicações feitas no primeiro capítulo que:

A libido tem a missão de tornar inócua a pulsão destruidora e a realiza desviando essa pulsão, em grande parte, para fora [...] no sentido de objetos do mundo externo. A pulsão é então chamada de pulsão destrutiva, de domínio ou vontade de poder. Uma parte da pulsão é colocada diretamente a serviço da função sexual [...]. Esse é o sadismo propriamente dito. (FREUD, 1924, p. 181; tradução modificada).

O sadismo, portanto, é considerado como o primeiro movimento do eu – a constituir-se – a fim de conter e parcialmente satisfazer a pulsão. Em seguida à citação acima, Freud (1924, p. 181) acrescenta que “outra porção não compartilhada dessa transposição para fora permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual acompanhante acima descrita, lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno”. É possível deduzir que, na verdade, e de acordo com Freud, o masoquismo e o sadismo surgiriam concomitantemente um ao outro nesse duplo movimento da pulsão que busca se satisfazer, dominando o objeto externo ao mesmo tempo em que subjuga o eu.

Para além dessa dedução, devemos ainda repensar a relação entre masoquismo e sadismo na constituição psíquica no campo da Psicanálise. Jean Laplanche, psicanalista francês, foi uma figura importante que nos apresentou elaborações inéditas sobre este tema, sobretudo em seu livro *La révolution copernicienne inachevée*, publicado em 1992, no qual ele propõe uma nova metapsicologia. Dentre os textos que compõe essa obra, tomaremos como base para repensar o sadismo e o masoquismo o capítulo *La position originnaire du masochisme dans le champ de la pulsion sexuelle*, em que ele discute o lugar e a temporalidade do masoquismo na constituição psíquica.

Para repensar o conceito de masoquismo, sobretudo seu lugar na constituição psíquica, Laplanche parte dos paradoxos ligados à noção de masoquismo (aos quais já nos referimos em parte), que dizem respeito à equação prazer/desprazer. Esta é concebível de um ponto de vista tópico: o que é prazer para uma instância é despreazer para outra, bem como é relativa às noções de prazer e despreazer inconscientes e principalmente à economia da pulsão de morte. Defendemos a ideia de que a interpretação econômica do despreazer como aumento de tensão deveria notadamente invalidar a conexão entre a procura do sofrimento e a pulsão de morte, cujo objetivo é, ao contrário, a abolição da tensão. Sendo assim, questionamos: se o masoquismo é uma procura por despreazer, e, portanto — tal como Freud havia definido durante muito tempo — um aumento de tensão, como ligá-lo à autodestruição e à tendência em direção à morte?

Neste estudo, Laplanche (1992) estabelece uma diferença importante entre o par sadismo/masoquismo e a agressividade. Ele localiza o sadismo/masoquismo no campo das tendências, atividades, fantasias, etc. que comportam necessariamente, seja de maneira consciente ou inconsciente, um elemento de excitação ou de gozo sexual. Já a agressividade é localizada no campo do não-sexual. Isso, porém, não quer dizer que essa agressividade exista efetivamente, nem que o sadismo/masoquismo surja desses componentes não-sexuais, pulsionais. — Retomemos agora algumas elaborações laplancheanas sobre o apoio.

Laplanche (1992) enfatiza em toda a sua produção teórica e metapsicológica a relação com o outro como essencial na constituição psíquica, apontando que a sexualidade surge por apoio, essencialmente sobre as funções de autoconservação corporais. Mas o corpo só serve de apoio à sexualidade na medida em que é seduzido, erotizado, co-excitado pelo outro. Esse apoio é o da sexualidade nascente sobre atividades não-sexuais, ocorrendo num momento primário, em que o surgimento efetivo da sexualidade ainda não se deu. A sexualidade só aparece como pulsão, isolável e percebida, no momento em que a atividade não sexual, ou seja, a função vital, se descola — *détache* — de seu objeto natural ou o perde. Somente quando o apoio é perdido que a sexualidade aparece, ou seja, apenas em um momento constitutivo de (auto)reflexão no qual a atividade é substituída por um objeto refletido no sujeito, que podemos falar de uma sexualidade.

Retomando nossa proposta de esclarecer a relação entre o sadismo e o masoquismo na constituição psíquica, abordaremos agora as elaborações laplancheanas que propõe uma virada metapsicológica em relação à teoria de freudiana sobre o tema. Em 1915, no texto *As pulsões e destinos de pulsão*, importante obra sobre o tema, Freud defende veementemente a

ideia do sadismo como originário na constituição psíquica. E segue defendendo essa ideia ao longo de sua obra, como já comentamos a respeito.

Para Freud (1915), o sadismo é o exercício ativo de violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto da pulsão de dominação. É a partir dele que o objeto é abandonado e trocado pelo eu, tendo como consequência a mudança da finalidade pulsional de ativa para passiva – poderíamos citar como exemplo a autocensura obsessiva. Este momento, segundo ele, ainda não é o masoquismo, “pois o desejo de torturar transforma-se em autotortura e autopunição [...]” (idem, p. 133). Poderíamos pensar nesse segundo momento como um autosadismo, se levarmos em conta que nesse momento o investimento se volta para o eu, submetido pelo supereu, que integra, como já vimos, características do isso e da cultura, que o tornam extremamente coercitivo e, portanto, sádico para com o eu. Prosseguindo, é somente quando o objeto é novamente procurado externamente ao eu, ou seja, o outro é colocado no lugar do torturador é que poderíamos falar em masoquismo segundo a orientação freudiana.

Para esclarecer essas passagens – sadismo, autosadismo, masoquismo – Freud (1915, p. 133) usa uma metáfora gramatical dizendo que “o verbo ativo muda, não para um passivo, mas para reflexivo médio”. Precisamos, portanto, compreender exatamente o que ele quis dizer com isso, para então chegarmos ao ponto das críticas e reviravoltas feitas por Laplanche. Trata-se das vozes verbais presentes nas gramáticas das línguas, que permitem movimentos diferentes do sujeito em relação ao objeto. Houaiss (2009) afirma que a voz média é a voz do verbo na qual o sujeito pratica sobre si mesmo ou em seu próprio proveito a ação verbal. Para este autor, a voz média tem a mesma função que a voz reflexiva. Esta é a voz verbal na qual o verbo na forma ativa tem como complemento um pronome reflexivo, indicando a identidade entre quem provoca e quem sofre a ação verbal, por exemplo: feri-me; eles se prejudicaram – voz média/reflexiva. Já a voz passiva é considerada a voz verbal na qual o sujeito da oração recebe a interpretação de paciente, em lugar da de agente da ação verbal, por exemplo: Pedro foi demitido. Laplanche (1992) adverte que, apesar de a enunciação ser a mesma na voz reflexiva e na passiva, deve-se estabelecer uma sutil diferença entre elas em relação ao sujeito da oração e seu papel de atividade da ação. No caso da voz média podemos pensar no seguinte exemplo: Andando na escuridão, eu me choquei com a mesa. Para a voz reflexiva, podemos pensar, a partir do uso feito na língua francesa: eu me golpeio na cabeça contra os muros – *Je me cogne la tête contre les murs*.

Com base nisso podemos pensar o esquema de Freud (1915) da seguinte maneira: a) o sadismo seria o exercício de violência ou de poder sobre uma outra pessoa enquanto objeto de investimento libidinal. A esse respeito, Laplanche (1992) diz que ainda não teríamos o

sadismo propriamente dito, mas apenas a agressividade – que é apenas hipotética, como já vimos anteriormente –, algo ligado à auto-conservação, à força vital; b) no segundo momento, teríamos o exercício da voz média, um retorno ao eu no qual o objeto externo é abandonado e o investimento se volta contra o próprio eu. É importante ressaltar que Freud (1915) afirma não existir aí uma atitude passiva para com uma outra pessoa, o que define a diferença entre a auto-punição e o masoquismo – relativo à presença e ausência do objeto externo. Para Laplanche (1992), este seria o momento do retorno da agressividade na forma de auto-agressão, momento este que está ligado à aparição do componente sexual por apoio. Ele ainda ressalta que é bem ao tempo *auto* que é possível localizar a emergência da sexualidade; c) finalmente temos o masoquismo que é devido ao fato de a pulsão no terceiro momento ter se tornado passiva, e por consequência o objeto vai ser investido como tal para manter a satisfação da pulsão na forma passiva.

Laplanche (1992) elabora um esquema para esclarecer e resumir as essas ideias de Freud acima expostas: do plano da auto-conservação surge a hétero-agressão, e justamente na interseção deste com o apoio temos a auto-agressão – ou masoquismo refletido, voz verbal média –, que é resultado do retorno sobre a pessoa do investimento libidinal. É deste ponto de interseção que se bifurcam dois caminhos possíveis para a pulsão: o sadismo e o masoquismo propriamente dito. O mais importante dessa leitura, a que devemos estar atentos, é a observação de que o masoquismo é o tempo sexual primário ao invés do sadismo como anteriormente pensado nas elaborações freudianas.

Freud (1915) aponta que de modo geral a Psicanálise parece demonstrar que infligir dor não desempenha nenhum papel entre as ações intencionais originais da pulsão. Uma criança sádica, por exemplo, não leva em consideração que inflige dor ou não ao objeto, muito menos pretende fazê-lo. É justamente a partir destas palavras que Laplanche presume que esse primeiro momento não é sexual, mas auto-conservativo, ligado a força vital, portanto seria um sadismo. Freud (1925) prossegue dizendo que, uma vez ocorrida a passagem para o masoquismo, a dor é apropriada de tal forma que sua finalidade é colocar o sujeito masoquista na posição passiva, pois temos todos os motivos para acreditar que as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, se sobrepõem à excitação sexual e produzem uma condição plena de prazer em nome da qual o sujeito pode, inclusive, deixar-se experimentar o desprazer da dor como prazer.

Poderíamos dizer, com base nas ideias defendidas até aqui, que o desprazer não se liga necessariamente à dor; na verdade, que o está em questão é a exclusividade do prazer na satisfação da pulsão. A repetição masoquista que visa a dor e o sofrimento, como meio de

suportar esse desejo ligado ao masoquismo erógeno (que será retomado mais tarde), é vivida como desprazer, e o é desta forma devido à não suportabilidade da condição masoquista da sexualidade – questão que discutiremos adiante.

Freud (1915) destaca que, uma vez que sentir dor se transforme numa finalidade masoquista, o prazer sádico de causar dor pode então surgir, regressivamente, pois, enquanto essas dores estão sendo infligidas a outras pessoas, são vivenciadas de forma masoquista pelo sujeito através da identificação com o objeto sofredor. Ao dizer isso, ele deixa claro que, na gênese da sexualidade, o masoquismo precede o sadismo na constituição psíquica. Freud (1915) ainda observa que em ambos os casos – sadismo e masoquismo – não é da dor que se goza, mas da excitação sexual que a acompanha. A vivência da dor seria, assim, uma finalidade originalmente masoquista, mas que, no entanto, só pôde tornar-se uma finalidade pulsional em alguém originalmente sádico. Este trecho é o grande ponto de confusão sobre o que na verdade é originário. Podemos dizer, numa tentativa de esclarecer este ponto, que no campo do sexual é o masoquismo que é originário, devido às elaborações que fizemos até aqui. A partir das ideias de Laplanche (1992), podemos dizer que o sádico, na teoria freudiana, estaria no campo da pura agressividade ainda desligada de qualquer sexualidade. Laplanche (1992) observa que a partir de 1920, com a introdução do conceito da pulsão de morte, houve uma grande mudança nas elaborações freudianas a esse respeito. Na parte auto-conservativa não se tem mais como primário a hétero-agressividade, mas sim a auto-destruição, mas ele considera que essa mudança, no entanto, não gera modificação no campo sexual, que continua tendo como posição originária o masoquismo.

Toda atividade, esta era uma das teses dos “Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade”, secreta marginalmente sexualidade. Esta sexualidade, porém, só aparece como tal no momento do abandono do objeto e do retorno auto-erótico, ou seja, no momento em que temos o sadismo, como vimos anteriormente. Mas o que seria esse retorno? Laplanche (1992) vai conceber esse retorno como a fantasia, sendo esta o que ele define como o que determina a satisfação auto-erótica. A fantasia é, portanto, pensada como introjeção do objeto, como efração do eu pelo objeto, sendo, assim, a força geradora da pulsão sexual sado-masoquista. Esse movimento de retorno significa refletir a ação – relativa à agressividade –, interiorizá-la, fazê-la por assim dizer entrar em si mesma como fantasia. Fantasias a agressão é retorná-la sobre si, agredir-se, um tempo do auto-erotismo em que se confirma a ligação indissociável da fantasia enquanto tal, da sexualidade e do inconsciente.

É notório o caráter privilegiado do masoquismo na constituição da sexualidade humana. A posição passiva da criança com relação ao adulto não é somente

passividade de comportamento com relação à atividade adulta, mas passividade com relação à fantasia do adulto que faz intrusão nela (LAPLACHE, 1992, p. 52; tradução nossa).

Em um resumo detalhado do texto *La position originaire du masoquisme dans le champ de la pulsion sexuelle* de Jean Laplanche, Fábio Belo (inédito) nos aponta que, quanto à associação entre masoquismo e passividade, o ponto a ser ressaltado na perspectiva laplancheana é a passividade enquanto ligada à ideia de intrusão do desejo adulto na criança; e, após a aparição de um primeiro esboço de eu, intrusão do interior, brecha renovada sem cessar pela fantasia no limite do eu. O sujeito goza onde ele sofre; “onde”, tanto no sentido tópico quanto fantasmático. A aparência não sexual do masoquismo moral é devido ao recalçamento, mas, sobretudo à regressão pré-genital – origens orais e anais da tensão entre eu e supereu. De fato, longe de ser dessexualizado, o masoquismo moral ressexualiza a moral, reativa o complexo de Édipo e satisfaz regressivamente o desejo de ser espancado pelo pai, e ainda de desempenhar o papel passivo no coito com ele.

A fim de compreender melhor essas ideias e também avançar neste estudo, aproximando o masoquismo do prazer, podemos pensar em sua relação com o princípio de realidade. No capítulo anterior, já havíamos desconstruído a máxima freudiana de que o princípio de prazer rege o funcionamento psíquico, visando a descarga total da pulsão e levando o sujeito a um estado inerte. Vimos também que o masoquismo exerce um papel fundamental no encaminhamento da pulsão e sabemos que o princípio de realidade está diretamente ligado à produção de um senso de culpa que motiva as fantasias masoquistas. Perguntamos: o masoquismo (moral) reforça o princípio da realidade ou é reforçado por ele? A existência de um prazer masoquista ligado ao adiamento da satisfação, ao sofrimento e ao conseqüente aumento de tensão – aqui as origens anais do princípio de realidade são evidentes – não parece dever ser creditada a uma simples “erotização secundária” do princípio de realidade, mas deve ser considerada como um motor essencial da eficiência deste princípio. Para Laplanche (1992), não se trata de um paralelismo entre os dois, mas de uma intervenção do masoquismo no funcionamento do princípio de realidade. Assim, gozar ali onde está o sofrimento, é o que permite suportá-lo.

Tendo estabelecido, a partir da teoria laplancheana, que o masoquismo é originário e que o sadismo é por conseqüência um retorno da pulsão para fora, podemos dizer que um sádico é sempre ao mesmo tempo um masoquista. Mas e o contrário, é também verdadeiro? Para entender essa transformação, Laplanche (1992) lembra que no texto *Pulsões e destinos de pulsão*, Freud fala da inversão no contrário e no retorno sobre a própria pessoa. É nesse

segundo movimento – de retorno sobre a própria pessoa – que Freud insiste, pois ele faz intervir *dramatis personae*, personagens na trama masoquista/sádica. Pode-se seguramente dizer que existe uma passagem da posição ativa – eu faço sofrer o outro – para uma posição passiva ou, em todo caso, para uma posição média – eu me faço sofrer – por auto-punição.

Laplanche (1992) esclarece que ainda nos encontramos num nível superficial e relativamente descritivo ao pensarmos assim, pois, de um modo concreto, o retorno sobre si e a passagem à passividade não ocorrem sem que, ao mesmo tempo, haja identificação ou introjeção. Isto significa que é preciso conceber, no “eu me faço sofrer”, a instauração de uma cena subjetiva com, pelo menos, duas personagens: “eu me faço sofrer” é sempre, de um modo ou de outro, “eu faço sofrer em mim o outro que aí pus”. Há, nessa transposição, um desdobramento interno no qual, não somente o *me*, de “eu me faço sofrer”, é um outro, mas também o *eu* é um outro, por um movimento do supereu relativo à introjeção do outro e às idealizações do eu vinculadas a essa introjeção, que diz do outro que cuida, das normas e proibições culturais.

Depois deste longo esclarecimento sobre o masoquismo em relação a sua temporalidade na constituição psíquica, podemos prosseguir com algumas outras colocações que remodelam a teoria psicanalítica sobre o masoquismo. Consideramos que o estudo sobre a sexualidade humana em *Psicanálise*, e talvez poderíamos dizer de modo geral, é sempre acompanhado por reformulações, críticas e reelaborações que de alguma maneira tentam abarcar esse universo. Percurso que sempre deixa uma lacuna, uma falha em compreender e explicar todas as nuances a respeito do tema, o que — como já apontado anteriormente — pode justamente nos dizer algo sobre a sexualidade. Leo Bersani, no texto *Sexuality and aesthetics*, procurou esclarecer essa problemática.

Bersani (1984) inicia o texto questionando se a sexualidade existe e qual seria sua relação com o sexo, apontando que Michael Foucault⁷ já havia se questionado a respeito disso, mas não com o intuito de obter respostas concretas, mas sim na intenção de pensar sobre a consequência da falha em responder tais questões. Ele também ressalta que Foucault⁸ afirma ser a sexualidade nada mais que um construto histórico que, a partir das relações de poder, estabelecem a sexualidade e o sexo como objetos de estudo, direcionando a questão ao que nós somos diretamente para este objeto. Assim, a criação dessas categorias seria uma mera forma de controlar as definições sobre o humano, e, assim, o cabedal teórico e técnico

⁷ FOUCAULT, M. *The History of Sexuality*. Vol. I. Trans. Robert Hurley. New York: Phanton.

⁸ Idem.

da Psicanálise serviria apenas para intensificar as práticas disciplinares dos jogos de poder sociais.

Bersani aponta que Freud falhou em definir a relação existente entre a sexualidade e a subjetividade humana, o que quase fez desmoronar sua construção teórica sobre este tema. Essa falha é apontada nos impasses teóricos com que Freud se deparou em seus estudos e que de alguma maneira permaneceram como tais, sem uma solução plausível. Um desses impasses está justamente no fato, já discutido por nós no capítulo anterior, de o primeiro capítulo dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” ser aquele relativo às aberrações sexuais. Apesar do que falamos sobre a necessidade de considerar as aberrações como culminando no infantil e, portanto, de iniciar aí a descrição do desenvolvimento da sexualidade, é importante ressaltar o que escreve Bersani a esse respeito:

A observação clínica das crianças parece ter tido pouco a ver com essas “descobertas”, que, Freud nos diz, foram inferidas a partir da análise dos adultos cujas vidas sexuais eram patologicamente perturbadas. A “verificação” clínica dos estágios da sexualidade infantil, assim, inevitavelmente será guiada por uma teoria que já assume sua existência. (BERSANI 1984, p. 29; tradução nossa).

Mesmo formulando essa crítica, Bersani (1984) reconhece que a problemática de organização dessas fases do desenvolvimento sexual é de grande valor teórico, já que impregnam o texto da realidade sobre a sexualidade humana. Ele comenta também que, justamente pelo fato de as aberrações sexuais, além de pertencerem à infância, serem descritas como constitutivas de um certo regime sexual, em ambos os casos se perde o caráter de anormalidade até então atribuído. Mesmo assim, o autor critica essa perspectiva, afirmando não passar de uma visão teleológica sobre a sexualidade humana, calcada sobre o alicerce das relações de poder. Acrescenta ainda que “genitalidade heterossexual é a estabilização hierárquica das pulsões parciais da sexualidade. E as perversões do adulto, portanto, tornam-se inteligíveis como a doença de *narrativas incompletas*” (BERSANI, 1984, p. 29; tradução nossa).

Segundo o autor, o terceiro ensaio de Freud sobre sexualidade, dedicado às transformações da adolescência é uma tentativa tortuosa de definir a natureza do prazer e da excitação sexual, e também de diferenciá-los entre si. Mas o próprio Freud (1905), no final dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, queixa-se de ter avançado tão pouco a respeito da sexualidade, sobretudo sobre o prazer e a excitação. Bersani aponta (como fizemos no primeiro capítulo deste estudo) que o problema está na insistência de Freud na ideia de um sentimento de tensão necessariamente gerar desprazer, o que demonstra um ponto de vista quantitativo a respeito da excitação sexual em relação ao prazer.

Como vimos no primeiro capítulo deste estudo, “O problema econômico do masoquismo”, de alguma maneira responde à questão da possibilidade de conciliação entre o prazer e o desprazer, que é exatamente o que está em questão nas colocações de Bersani a respeito dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Por isso falamos de uma intrincação pulsional, um movimento de o sujeito tentar conciliar de alguma maneira, em prol da integridade do eu, as duas formas ou caminhos que a pulsão pode seguir.

Uma importante contribuição de Bersani (1984, p. 31; tradução nossa) a respeito do que poderia ser capturado do texto freudiano é que “Freud parece quase a ponto de sugerir que para além do princípio do prazer encontramos – a sexualidade”. Foi exatamente a este ponto que chegamos com as discussões sobre o “Além do princípio de prazer” no primeiro capítulo. Devemos conservar a ideia de que, para além de busca de prazer através da descarga total da pulsão, existe concomitantemente uma produção de desprazer que busca a mesma estabilidade psíquica que antes era apontada como possível na descarga da pulsão.

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905) escreveu que todo encontro é um reencontro. Ele se refere especificamente ao encontro com o objeto e, neste caso, com o objeto externo, o outro, que certamente remete ao objeto primário de satisfação a que nós tão intensamente somos fiéis. Justamente a partir e por causa desses dizeres de Freud, Bersani (1984) afirma categoricamente que, se há um reencontro com um objeto, naturalmente existiu um objeto primário de satisfação. Não vamos nos delongar muito a respeito deste conceito, pois não é o nosso foco, mas é de extrema importância considerar que “o reencontrar de um objeto original seria muito menos importante do que a apropriação de qualquer objeto capaz de estimular [...] da mesma forma (BERSANI, 1984, p. 31; tradução nossa).

Essa citação nos move a pensar na importância das elaborações secundárias do eu em relação aos objetos de satisfação primária visadas nessas elaborações. Poderíamos, com isso, concluir que a repetição, da qual fala Freud no “Além do princípio de prazer”, é um movimento masoquista do eu que busca refinar cada vez mais o objeto substituto que mantém a pulsão ligada, ou seja, mantém uma estabilidade da intrincação pulsional promovida pelo masoquismo originário – como discutimos anteriormente. Esse refinamento, se estamos certos em pensar a partir dessas elaborações, remete cada vez ao masoquismo originário, a fim de diminuir o hiato existente entre a experiência de intrincação pulsional do masoquismo originário e as vivências masoquistas que envolvem objetos externos, ou mais especificamente o masoquismo moral, do qual fala Freud e que já tratamos neste estudo.

Retomando as discussões, Bersani, após falar sobre algumas questões relativas à excitação sexual a partir da tese freudiana de que esta seria um subproduto de processos de natureza angustiante que ocorre no interior do organismo, afirma que:

A tensão desprazerosa prazerosa de excitação sexual ocorre quando o nível ‘normal’ de sensação do corpo é excedido, e quando a organização do eu é momentaneamente perturbado por sensações ou processo afetivo de alguma forma, para além daqueles compatíveis com organização psíquica (BERSANI, 1984, p. 33; tradução nossa).

Não podemos deixar de notar que, apesar da sensatez de seu comentário, Bersani permanece ainda em um registro por demais biologicista, assim como Freud em muitos de seus trabalhos de análise das questões psíquicas. Mas logo em seguida a esta citação, ele escapa a este registro e, a partir de um ponto de vista mais psíquico, se é que poderíamos falar assim, escreve que:

Toda atividade, modificação do organismo, ou perturbação é capaz de se tornar a fonte de um efeito marginal que é precisamente excitação sexual no ponto em que este efeito [de perturbação ou ruptura] é produzido (LAPLANCHE⁹ *apud* BERSANI, 1984, p. 33; tradução nossa).

A partir dessas palavras de Laplanche, Bersani conclui que a sexualidade é algo com o qual o eu estruturado não consegue se haver, devido a um caráter de insuportabilidade daquilo que poderia ameaçar sua integridade. Podemos dizer, mais uma vez, portanto, que o masoquismo moral ou secundário – se considerarmos uma relação temporal do desenvolvimento psíquico e da sexualidade – é uma saída encontrada pelo eu, alicerçada no masoquismo erógeno originário, que almeja re-intricar a pulsão desligada, talvez, pelos momentos tardios de desenvolvimento da sexualidade. Momentos estes que perturbam a ordem psíquica quando de sua tentativa de fazer ligar a pulsão a objetos externos relacionados necessariamente à genitalidade ou ao ato sexual em si, que é certamente enigmático para o sujeito, pois remonta às vivências de sexualidade – extremamente enigmáticas – transmitidas pelo outro na infância.

Essas vivências de sexualidade, nas quais a criança é agressivamente emergida, vão apontar justamente para a necessidade do masoquismo como saída/elaboração em defesa da integridade do eu. Bersani (1984, p. 33; tradução nossa) escreve que “a natureza perversamente polimorfa da sexualidade infantil seria uma função da vulnerabilidade da criança a ser fragmentada em sexualidade”. Essa ideia, justamente, corrobora nosso pensamento anteriormente exposto. Sabemos que a criança vive uma situação de total

⁹ LAPLACHE, J. *Life and Death in psychoanalysis*. Trans. MEHLMA, J. Baltimore and London: The Johns Hopkins Press, pp. 87 – 88.

passividade diante do adulto – ou o outro que cuida, dito de forma mais geral – sendo assim efratada pela sexualidade deste, que já possui um eu constituído e, portanto, inundado de uma sexualidade masoquistamente elaborada. Acrescentamos a isso que:

A sexualidade é um fenômeno particularmente humano no sentido de que sua própria gênese pode depender da *décalage*, ou hiato, na vida humana entre as quantidades de estímulos a que estamos expostos e o desenvolvimento de estruturas do eu capaz de resistir ou, em termos freudianos, de ligar esses estímulos (BERSANI, 1984, p. 33; tradução nossa).

Essa lacuna necessária à saúde psíquico-sexual do eu é de responsabilidade do masoquismo, que promove a intrincação pulsional, permitindo, assim, que o eu se estruture psiquicamente de maneira suficiente para lidar com a sexualidade e promovê-la – no sentido das vivências sexuais como realização parcial da pulsão e obtenção de prazer. Bersani (1984) aponta que a grande questão da sexualidade é que não buscamos somente nos livrar da *shattering tension* (tensão disruptiva), mas ao mesmo tempo repeti-la como meio de elaboração e ainda aumentá-la.

Com isso podemos facilmente, assim como fez Bersani (1984, p. 34; tradução nossa), afirmar que “sexualidade - pelo menos no modo em que é constituída - pode ser pensada como uma tautologia para masoquismo”. Essa aproximação da sexualidade com o masoquismo apoia nossa discussão sobre o paradoxo entre prazer e desprazer, trazendo uma nova perspectiva a respeito destes conceitos em Psicanálise. Fica a ideia de que o masoquismo não deve estar relacionado “negativamente” a experiências de desprazer, muito menos apenas à perversão. Assim, concordamos com Bersani quando este diz que “talvez seja só porque a sexualidade é ontologicamente fundamentada em masoquismo que o organismo humano sobrevive ao hiato entre o período de estímulos disruptivos e o desenvolvimento de estruturas de ego resistentes ou defensivas [...]” (BERSANI, 1984, p. 34; tradução nossa).

Apesar de Bersani conservar nessa ideia um certo biologismo, buscando sempre apontar o organismo sofredor massacrado pela sexualidade, preferimos considerar essa citação do ponto de vista do eu, enquanto instância psíquica que sustenta a vida a partir do masoquismo e conseqüentemente da sexualidade. Sendo assim, concluímos, assim como o fez Bersani (1984, p. 34; tradução nossa), que “o masoquismo serve à vida”.

3 DE OLHOS MASOQUISTAMENTE FECHADOS

Nos dois primeiros capítulos fizemos um percurso que poderia ser chamado de teórico ou metapsicológico, repensando a teoria psicanalítica sobre o prazer, o masoquismo e sua relação com a constituição psíquica. Analisamos o texto freudiano, esclarecemos suas elaborações e o criticamos a partir da perspectiva de outros autores e de nossa própria. A partir de agora, falaremos de forma menos estritamente teórica, dirigindo-nos de outra forma à realidade, mesmo que esta seja produzida ou metaforizada, lida de maneira fictícia. Para isso, vamos trabalhar com a realidade da vida humana figurada cinematograficamente por Stanley Kubrick no filme “De olhos bem fechados” (*Eyes wide shut*), lançado nos cinemas em 1999. O filme é uma adaptação do aclamado romance de Arthur Schnitzler¹⁰ “Breve romance de sonho” (*Traumnovelle*). A versão cinematográfica de Kubrick coloca na tela a essência da história descrita no livro, em que, de acordo com o site IMDB (2014), se trata de “um médico de Nova York, casado com um curadora de arte, que se aventura pela noite em uma angustiante e perigosa odisseia de descoberta sexual e moral depois que sua esposa admite que uma vez quase o traiu”.

Antes de efetivamente passarmos às interpretações possíveis sobre o filme de Kubrick, perguntamos: qual a necessidade desse trabalho interpretativo? A que se deve e qual seu objetivo? Para respondermos a estes questionamentos, recorreremos aos apontamentos feitos por Ribeiro (2003), citando um texto do psicanalista italiano Sergio Benvenuto¹¹ a respeito do filme, mas que trata na verdade das questões que apontamos. O caminho trilhado por Benvenuto¹² (*apud* RIBEIRO, 2003) em seu artigo sobre o filme de Kubrick acaba por revelar uma importante reflexão sobre o que busca a Psicanálise com suas interpretações. Esse percurso partiu das críticas recebidas pela Psicanálise a respeito de sua peculiar abordagem da realidade, que não visa os mesmos fins que a ciência objetiva.

A que fins se presta a Psicanálise? É essa a questão que poderíamos supor ter motivado o esclarecimento feito por Benvenuto¹³ (*apud* RIBEIRO, 2003) a partir de sua interpretação do filme de Kubrick. E este percurso foi trilhado por Ribeiro em sua análise da mesma obra cinematográfica, e nós aqui o seguiremos devido à importância de se pensar

¹⁰ SCHNITZLER, A. (2008). *Breve romance de sonhos*. Companhia das Letras: São Paulo. 112p.

¹¹ BENVENUTO, S. *Eyes wide shut: la psychanalyse est-t-elle em contact avec le réel?*. Disponível em: <<http://www.psychanalyse.refer.org/can9/1/texte55.htm>>. Acesso em: 26 mar 2014.

¹² Idem.

¹³ Idem.

sobre as questões acima levantadas, mas além da repetição deste percurso, introduziremos conclusões decorrentes das elaborações já feitas neste estudo.

A primeira questão sobre o psiquismo humano como objeto da psicanálise diz respeito à credibilidade deste complexo sistema de pensamento. Benvenuto¹⁴, nas palavras de Ribeiro, diz que:

O descrédito atribuído à psicanálise pela maior parte de seus críticos e opositores deve-se essencialmente ao fato de que ela trabalha apenas com interpretações e que nunca com o real, deixando assim os psicanalistas expostos à acusação de serem meros manipuladores de crenças de um sujeito que nunca seria conduzido à descoberta de alguma coisa real, capaz de conduzir uma análise para além de uma hermenêutica na qual cada interpretação vale o mesmo que tantas outras possíveis. (RIBEIRO, 2003, p. 14).

Uma saída para este problema do descrédito da psicanálise é lembrar, segundo Ribeiro (2003), como os estudos freudianos nos mostram que a Psicanálise de fato nos coloca em contato com a realidade psíquica através dos eventos psíquicos reais que têm efeito “causal” sobre a vida humana. A grande questão, na verdade, é que a Psicanálise tem acesso a um realismo que está além do objetivismo da ciência, e que esta, portanto, não alcança. Isso se deve justamente ao método interpretativo da Psicanálise, e sobre este ponto já podemos recorrer ao filme de Kubrick para esclarecê-lo.

“De olhos bem fechados” é, para além do nome, a proposta de Kubrick de como analisar o romance no qual baseou seu filme. Assim, podemos dizer que o que faremos neste estudo é uma interpretação de olhos bem fechados o filme de Kubrick. Não se enganem pela estranheza dessa frase, pois nossa intenção é exatamente escandir o sentido do nome brilhantemente dado ao filme em questão. *Eyes wide shut*, “De olhos bem fechados” em português, nos permite fazer uma analogia (sobretudo sendo este um estudo psicanalítico) com a tão falada atenção (uniformemente) flutuante¹⁵, que devem os analistas praticar diante da associação livre proferida por seus analisandos. Sendo assim, nossa interpretação advém de um olhar que se dá na mesma lógica, podendo ver de olhos fechados aquilo que aponta para o real do psiquismo humano em questão e que esclarecemos anteriormente com o masoquismo.

Corroborando esta perspectiva, Ribeiro (2003) afirma que a *iluminação* é um conceito que nos serve para que possamos compreender melhor o objetivo do método psicanalítico

¹⁴ Idem.

¹⁵ Este conceito é descrito por Laplanche e Pontalis como sendo a maneira, estabelecida por Freud, com que o analista deve escutar o analisando. Aquele deve deixar funcionar livremente sua própria atividade inconsciente, mantendo também, suspensas as motivações que normalmente dirigem a atenção (inclinações pessoais, pré-julgamentos, pressupostos teóricos, etc.). Esta recomendação constitui em contrapartida a associação livre para o analisando. É este tipo de escuta que permite ao analista descobrir as conexões inconscientes presentes no discursos de livre associação do paciente.

para chegar a seu objeto. Este conceito geralmente é relacionado ao esclarecimento, mas não podemos desconsiderar que muita luz pode nos cegar, e é exatamente este o efeito da lógica da ciência objetiva e que pode ofuscar o objeto da psicanálise.

Passemos enfim à nossa análise do Filme “De olhos bem fechados” de Stanley Kubrick. Um casal, Bill e Alice Harford, são as peças que engendram toda a trama que se passa no filme. A cena que inaugura toda a história retrata uma casualidade inerente ao dia a dia de qualquer casal: Bill e Alice se arrumam para uma festa. Ribeiro (2003, p. 16) comenta que “a cena de abertura é de um prosaísmo tal que faz lembrar a abertura dos filmes de catástrofe em que a normalidade cotidiana é acentuada como forma de assegurar o impacto do desastre”. Fica claro que esta cena banal sobre o cotidiano liga-se ao desfecho do filme, em que o cotidiano das vivências sexuais masoquistas do casal é retomado nas últimas palavras ditas por Alice: “*to fuck*”, que comentaremos mais adiante.

Bill, praticamente pronto para sair, reclama com Alice de sua demora, afirmando que chegarão muito atrasados à festa. Alice, sentada ao vaso sanitário, pergunta a Bill se ela está bonita e como está o cabelo enquanto termina de urinar e se limpa. Olhando-se no espelho, ele responde simplesmente que sim; ao ser questionado, ele diz que ela está sempre linda. A finalização do *look* de Alice é a retirada dos óculos que deixa sob a pia do banheiro, estando assim o casal pronto para começar suas aventuras nessa história complexa, que aponta para os meios e formas de sustentação do eu e da relação com o outro. A banalidade destes eventos quase nos obriga a pensar que Bill e Alice são um casal perfeito, feitos um para o outro em todos os aspectos, inclusive no romantismo piegas de Bill, que tenta agradar a esposa, e assim poderíamos ficar indiferentes à relação problemática do casal. A intencionalidade dessa construção se mostra no efeito de evidenciação que esta cena produz sobre os acontecimentos subsequentes.

Bill e Alice chegam à festa de Victor Ziegler, paciente de Bill, que os recebe junto de sua esposa. Nos cumprimentos, Ziegler elogia exageradamente Alice, dizendo (num tom de questionamento, dirigido à esposa) que não diz isso a todas as mulheres. Neste momento, a banalidade da primeira cena do filme já começa a ser minada, quando a esposa de Ziegler nega sua afirmação juntamente com Alice, colocando de lado os agrados obrigatórios da relação com o outro. Dançando no salão, ao questionamento de Alice sobre conhecer alguém que estivesse ali, Bill responde dizendo “*not a soul*”, “nenhuma alma”. O componente psíquico aparece velado na resposta de Bill, que diz algo mais sobre sua relação com a banalidade daquele evento.

Em seguida, um momento crucial do filme em relação aos eventos que se sucedem: Bill vê ao piano um colega de faculdade, cujo sobrenome é Nigthingale, “rouxinol” em português, que, segundo Ribeiro (2003, p. 16), é o “pássaro que anuncia a chega da noite com seu canto crepuscular”. Na conversa, ambos os amigos comentam da atualidade, Bill diz não poder reclamar e Nigthingale aponta para sua escolha da musica em detrimento da medicina como realizadora. Então Bill diz: “Nunca entendi porque você fez isso”; a resposta: “é uma sensação boa, eu faço isso o tempo todo”. O passado vem à tona e cospe na cara de Bill um enigma de sua vida, de sua construção psíquica que até então estava estabilizada, como podemos ver na indiferença cotidiana da primeira cena do filme. A partir desse enigma, acontecimentos que se sucedem apontam para uma desestruturação (psíquica) tanto para Bill como para Alice.

Nigthingale é chamado por alguém e então deixa Bill com o convite para vê-lo tocar num café da cidade até o final da semana. É importante lembrar que quando Bill fora ao encontro de Nigthingale, deixou Alice, que iria ao banheiro, com a promessa de um reencontro no bar. Nesse momento a festa se divide em duas: a festa de Bill e a de Alice, que não se encontram como combinado. Alice, depois de várias taças de *champagne* é interpelada por um galanteador que a chama para dançar no intuito de seduzi-la. Alice conta que está acompanhada pelo marido, mas não afasta este sujeito que cada vez mais chega perto de seu objetivo. Os dois dançam à distância de um palmo um do outro, mas num virar da cabeça, Alice vê Bill acompanhado de duas jovens risonhas que parecem seduzi-lo como sereias, como coloca Ribeiro (2003), com a promessa de levá-lo ao fim do arco-íris. Este é o momento em que o destino os reencontra na festa de suas fantasias, encontro possível somente pela sedução, não um pelo outro, mas deles por outros que apontam uma fissura no arranjo de vida deste não mais pacato casal.

Depois deste encontro, Bill segue com as damas-sereias, mas são interrompidos pelo chamado urgente de Ziegler que demanda Bill para um serviço: reanimar uma mulher jovem que se encontrava desacordada, devido a uma *overdose*, ali no banheiro da mansão de Ziegler. Paralelamente, Alice ainda está com seu sedutor que a convida para subir ao andar de cima, com a desculpa de conhecer a coleção de arte do anfitrião, onde poderiam ficar sozinhos, deixando no ar a possibilidade de uma transa casual no sentido mais *lato* do termo.

Em resumo, as ideias de reanimação, reencontro, mudança e sedução que dominam a cena da festa recaem sobre as coisas adormecidas da primeira cena, iniciando um movimento de ressignificação que será progressivamente construído na sequência do filme: uma mulher ou, mais precisamente, uma forma basicamente particular de feminilidade é despertada nos dois protagonistas, mas de forma muito mais intensa e

perturbadora em Bill do que em Alice. (RIBEIRO, 2003, p. 16).

Esta é uma interpretação interessante e que define bem a problemática estabelecida, mas precisamos cuidadosamente criticá-la do ponto de vista de nossas elaborações sobre o masoquismo. Primeiramente, supomos ser problemático e superficial o uso dos termos “mulher” e “feminilidade” para definir as questões que foram suscitadas tanto em Bill como em Alice durante a festa. Já discutimos o uso desses termos no primeiro capítulo, quando comentamos a escolha do termo “feminino” feita por Freud para denominar um tipo de masoquismo que, na verdade, traduz uma condição de passividade do eu em relação ao outro, à sexualidade e à pulsão de modo geral. Consideramos, portanto, que é preciso expandir o uso das ideias defendidas nessa crítica a Freud, e assim propor a passividade no lugar da feminilidade no vocabulário empregado na citação acima. Nesse sentido, o que é despertado no casal é certa vivência ou fantasias de passividade, que traduzimos como masoquistas, perturbando a ordem antes estabelecida e encenada no início do filme.

Outro ponto a que devemos estar atentos é a qualidade de “aterrorizantes” que Ribeiro atribui em um maior grau a Bill. É claro que poderíamos considerar que, para o homem, ser invadido pelo seu próprio desejo masoquista de passividade é mais perturbador psiquicamente falando. Este ponto de vista é embasado no lugar social historicamente construído e transmitido que o homem ocupa na sociedade, que está bem distante de qualquer tipo de passividade. Não podemos negar, entretanto, que, por mais que a mulher ocupe socialmente esse lugar, é também perturbador assumir seu desejo masoquista, ver-se invadida pela passividade de forma identificatória como retratado no filme. Consideramos que Bill e Alice foram perturbados em intensidades semelhantes pelas vivências desta festa, as quais estimularam suas fantasias masoquistas. A maneira com que elaboram isso durante o percurso do filme, todavia, é particularmente diferente para cada um, tendo em alguns pontos uma intersecção, como veremos.

Prosseguindo, Bill e Alice não se encontram na festa; na cena seguinte já estão quase nus no quarto usando maconha. Alice pergunta a Bill se ele havia transado com as duas mulheres com quem ele passou boa parte da festa. Ele nega, como de fato é verdade, devido à interrupção do momento em prol da reanimação da mulher passivamente desacordada no banheiro de Ziegler. Bill, diferentemente, não se interessa em saber das aventuras dela na festa; Alice então o interpela, questionando se ele não se preocupava em ela poder se aventurar. Bill se mostra indiferente à sexualidade de Alice, dizendo que confia plenamente nela, já que crê que ela não seria capaz de traí-lo em nenhuma circunstância. Nesse momento,

Bill a coloca em um lugar de total passividade assexuada, o qual Alice se recusa completamente a assumir, ou mais especificamente não mais assumir diante de seu marido confiante. Em cólera, ela lhe conta de sua aventura sexual, nada mais que fantasiada, no verão anterior, na qual ela havia trocado olhares com um oficial da marinha no hall do hotel em que estavam hospedados, e a partir disso fantasiou toda uma cena de traição na qual abandonaria Bill e sua filha, sem pestanejar, em troca de uma transa apenas que fosse com esse sedutor oficial da marinha.

Alice devolve a Bill o lugar em que ele a colocou; o efeito disruptivo desse relato é tal que Bill não consegue falar, seu olhar se perde em si mesmo diante de tamanha passividade na qual ele estava imerso. Nada mais elaborado, psicanaliticamente falando, do que subjugar de forma sádica o outro para exercer por identificação as próprias fantasias masoquistas. Bill e Alice se encontram neste jogo de provocação de suas próprias fantasias, apontado-as no outro, que responde passivamente, como seria de se esperar — diga-se de passagem — a esse convite. Ribeiro (2003, p. 17) afirma que “deste momento do filme em diante vai-se revelando, de forma cada vez mais clara e insistente, o caráter interno e perturbador de cada mulher que intervém nas aventuras e percalços [do personagem]”. Devemos entender que as mulheres no caminho de Bill durante sua jornada escancaram sua passividade e, portanto, sua fantasia masoquista que precisará necessariamente ser revisitada e reelaborada.

A perplexidade de Bill na cena relatada é interrompida por um telefonema que traz a morte de um paciente como notícia. A morte entra em questão na cena. Ele apenas informa Alice que seu paciente havia morrido e iria então atestar o óbito. Na casa, onde a morte foi atestada, estava também uma mulher, filha do paciente, com a qual Bill não tinha qualquer tipo de intimidade, mas que diz amá-lo profundamente. Novamente Bill se vê — tal como interpretamos — passivamente subjugado por seu desejo masoquista, com o qual não se reconhece. Sai da casa perturbado, imaginando Alice numa excitante transa com o oficial da marinha, na qual ela é completamente dominada. De imediato poderíamos dizer que Bill, de um marido confiante, passa a ser um ciumento, mas essa análise é por demais apressada e superficial. O que está realmente em questão na cena é a fantasia de Bill, incitada pelo “conto erótico” também fantasiado de Alice, com a qual o ciúme tem pouco a ver, ou seria apenas uma resposta superficial ao enigma da sexualidade masoquista.

Superexcitado pelo seu desejo, masoquista como supomos, Bill caminha perdido pelas ruas de Nova York. Desta cena em diante no filme ele se deixa levar por este desejo “proibido” – da ordem do recalque –, buscando de alguma maneira realizá-lo para se livrar da tensão na qual se encontra. Essa jornada de permissividade em relação ao seu desejo começa

com o convite de uma jovem que interrompe sua caminhada dizendo: “Would you like to come inside?”, ou seja, “você gostaria de entrar?”. Bill cede ao convite ambíguo de entrar, na casa e nela; combinam um valor, sugerido por ela, que Bill apenas acata. Mas o telefonema de Alice, perguntando sobre sua chegada em casa o impede de ir até o fim da proposta feita pela garota. Apesar disso, Bill paga por sua entrada (que seja apenas no apartamento da jovem), adentrando numa via de realização desmedida do desejo que é barrada pelo outro da relação. Sem essa barreira feita por Alice, o preço pago seria muito mais alto, já que através de eventos posteriores ele descobre que a garota é HIV+.

Prosseguindo na busca de um alívio da tensão causada por suas fantasias masoquistas despertadas pelos eventos anteriores, Bill se vê em frente ao bar em que seu amigo Nigthingale o havia convidado para vê-lo se apresentar ao piano. Logo que entra no bar, a apresentação termina e os dois se sentam à mesa para conversar. Bill, educadamente, se desculpa por ter chegado no fim da apresentação, mas Nigthingale diz que ele não havia tocado bem e que a banda era ruim. Ele então comenta que tem outro trabalho ainda naquela noite: tocar piano em uma festa misteriosa, que não sabia onde seria ainda, pois avisavam o local, que mudava sempre, apenas com uma hora de antecedência, e na qual deveria permanecer todo o tempo vendido. Ele ainda conta (numa postura sádica) que em uma das ocasiões em que tocou a venda não estava bem presa e ele pode ver lindas mulheres nuas e cenas sexuais. Para Bill a festa se mostra como a oportunidade perfeita para a satisfação de seus desejos que estavam, naquele ponto, transbordando seu psiquismo fragilizado.

Uma festa tão oportuna para realizações sexuais desmedidas não se daria sem “regras”. Uma senha e uma fantasia eram necessárias para que Bill tivesse acesso a esse momento no qual supostamente se satisfaria. Fica claro com isso como é necessário uma “fantasia” para que a pulsão seja parcialmente satisfeita, ou mais especificamente, para que o masoquismo possa, por ele mesmo ou por identificação, aliviar o eu do conflito psíquico-pulsional. Na busca por uma “fantasia” que lhe desse acesso à festa, Bill se depara, na loja, com dois homens vestidos de mulher numa brincadeira sexual com a filha submissa daquele que lhe alugaria uma fantasia. A passividade transvestida no corpo dos homens divertia-se com a ingênua passividade daquela jovem que lhe indicou exatamente qual “fantasia” deveria utilizar para ter acesso a sua satisfação.

Na festa, devidamente portando sua “fantasia” e tendo dito a senha de entrada, Bill se depara com um ritual em que um círculo de mulheres rodeia uma figura central, que pensamos ser algum tipo de sacerdote. Ao redor desta cena todos os outros homens devidamente fantasiados, de smoking, uma capa preta com capuz e uma máscara que lhes

esconde o rosto. O ritual se passa ao som do piano de Nigthingale, que (não podemos nos esquecer) é aquele que apresenta a noite escura, a obscuridade (do sexual), e que compõe o clima que embala a sexualidade ali presente. Esse sacerdote, representante máximo da Lei (ou seja, do Pai) autoriza as mulheres e benze seus corpos a serem passivamente subjugados pela sexualidade desmedida de homens mascarados, por um sadismo que, tal como interpretamos, visa produzir um efeito reflexivo de identificação para com essas mulheres.

Autorizadas uma a uma, escolhem um daqueles mascarados para, em outro lugar, se entregarem às realizações sexuais. Uma das mulheres escolhe Bill, reconhecendo-o de alguma maneira inexplicável, que poderíamos pressupor ser por identificação. Bill tenta tirar a máscara dessa mulher que o adverte, mas ela não o permite, dizendo ser a sua vida (e a dela) o preço deste desmascaramento. Sabemos que mais tarde Bill descobre que essa enigmática mulher era Mandy, a quem ele reanimou, ou que reanimou algo nele, e que agora o adverte por estar correndo sério risco estando ali, justamente onde sua pulsão desintrincada, demanda um novo rearranjo que possa conservar sua vida, que se vê ameaçada.

Com a desculpa de que o taxista que o esperava lhe chamou, Bill é levado por um dos mascarados até o grande salão, onde anteriormente havia acontecido aquela cerimônia. Lá lhe esperam todos os mascarados e o sacerdote da cerimônia, sentado numa espécie de trono, que demanda que Bill lhe diga a senha de entrada, ao que ele responde *Fidelio*. Tendo acertado a senha, uma outra senha lhe é pedida, a senha da casa, que na verdade nunca existiu, como lhe conta Ziegler mais tarde, mas que Bill apenas diz ter esquecido. Neste momento, ele é desmascarado, diante de todos e em relação à sua “fantasia”; é ordenado inclusive que ele tire suas roupas e fique nu diante daquele que poderia ou não autorizar a satisfação dos desejos (sexuais) daqueles devidamente mascarados e ali presentes. A mulher que o havia advertido dos perigos de ceder aos encantos dos prazeres de uma sexualidade secretamente vivenciada a partir da fantasia e do mascaramento manifesta-se dizendo que ela o redimiria e, portanto, ele poderia sair dali ileso. A mulher é então levada por um mascarado e Bill questiona o sacerdote o que seria feito dela. Este que lhe diz que promessas feitas ali são sempre cumpridas e lhe adverte que não voltasse a “bisbilhotar” o local, pois sua vida e de sua família estariam em risco se o fizesse.

Bill, na festa, teve um vislumbre de uma sexualidade desmedidamente realizada, satisfeita a partir da ritualística que envolvia a “fantasia” e o mascaramento da identidade de cada um dos participantes. Excitado pelo lugar de passividade em que se colocou a partir de sua própria fantasia relativa a uma sexualidade infantil recalcada, que certamente como vimos é masoquista, ele pensou encontrar ali sua satisfação, mas foi barrado pela autoridade que lhe

avisou que aquele evento (segundo nossa leitura metafórica e psicanalítica) não estava ao alcance das elaborações do seu psiquismo, fragilizado pelos acontecimentos antecedentes. A própria reanimação de suas fantasias, antes estabilizadas, agora paga o preço por sua audácia em querer se satisfazer desmedidamente, dando início, assim, a uma reelaboração da sexualidade para que a pulsão possa permanecer ligada de forma mais estável e garantir sua vida.

Bill retorna para casa, entra, vai até o quarto da filha e depois ao seu, onde Alice está dormindo dando risadas. Sentado na cama ao seu lado ele a chama. Ao acordar, Alice já não mais ri, mas chora aterrorizada com um sonho que se nega a princípio a contar para Bill, de tão vergonhoso que seu conteúdo é para ela. Acaba cedendo ao pedido de Bill e conta que eles estavam numa cidade deserta, ambos nus e ela se sentia desconfortável. Não podemos deixar de notar como Kubrick foi brilhante em fazer encontrar as fantasias de uma sexualidade passiva dos dois personagens. O sonho de Alice é uma continuidade da festa de Bill, no qual mais um vez ela o massacra com sua sexualidade. Ela continua o relato do sonho dizendo que ele (Bill) sai para procurar roupas, o que a deixa aliviada; não a procura de roupas, mas a distancia do marido, que a permitiu se ver deitada num jardim junto do oficial da marinha, mas este se pôs a rir dela, causando-lhe vergonha. Logo ela viu ao seu redor inúmeros casais transando, e então se percebeu transando com vários homens, até ao ponto de não saber mais com quantos já havia transado. Ela conta este sonho chorosa, sempre dizendo ser horrível, mas prossegue dizendo, que, nessa transa múltipla, ela sentiu vontade de caçoar de Bill, rir de sua cara e então ri o mais alto possível, sendo este o momento em que foi acordado por ele.

No dia seguinte, Bill vai devolver a fantasia na loja em que a havia alugado. O dono da loja confere os itens da “fantasia” de Bill, mas percebe que a máscara não estava lá. Ele questiona e Bill diz tê-la esquecido. Na verdade, porém, sabemos que Bill a perdeu, pois foi desmascarado na festa e sua fantasia agora estava incompleta. Os fatos que se sucedem apontam para uma tentativa de Bill de dar forma a seu desejo excessivamente excitado pela passividade que apareceu de diversas formas durante seu percurso. Ele pesquisa pela festa, ainda insistindo nesse modo desmedido de satisfação, mas é novamente advertido. Percebe-se seguido por um homem, para numa banca e compra um jornal com os dizeres “Sorte de estar vivo” na primeira capa, e a notícia de que a ex-rainha da beleza, Amanda (Mandy), havia morrido por *overdose*.

Como poderíamos não perceber que a frase “*Luck to be alive*”, estampada na primeira página do jornal, estava endereçada a Bill, quando assistimos ao seu encontro com essa mulher, sobre quem ele se debruça para melhor encarar o rosto

inerte, como se nele se reconhecesse morto, como se seu rosto, quase tocando o dela, tivesse se transformado numa máscara [...]. (RIBEIRO, 2003, p. 19).

É realmente impossível não pensar que a sorte de Bill está ligada à morte: do desejo de passividade, masoquista, suscitado pela reanimação de Mandy e pelos eventos na festa de Ziegler. Como comentamos, essa mulher, representante da passividade, toma seu lugar na redenção de uma sexualidade desmedida. Sua morte real metaforiza, numa nova elaboração, as fantasias de Bill que começam a tomar forma.

Até este momento, pensamos que Bill se vê acometido por uma exigência pulsional drasticamente exacerbada pelas vivências de passividade nas quais esteve imerso e com as quais não se permitiu identificar, negando assim seu desejo. O confronto de sua sexualidade desmedidamente passiva com a de Alice lhes causou o distanciamento um do outro, e diremos, portanto, do objeto. Recusados ao objeto de investimento pulsional, Bill e Alice se veem perdidos numa imersão naquilo que é perigosamente mortífero das pulsões parciais suscitado por este sexual relativo à passividade (que é originário). Pensamos com isso que os personagens passam a buscar um esvaziamento dessa pulsão que os invade, construindo uma saída masoquista mortífera, que lhes põe, cada um e à relação conjugal, à beira da morte (Bill é avisado na cerimônia e mais tarde quando volta à mansão).

A partir do momento em que Bill se identifica com a Mandy, antes reanimada, agora morta, uma outra elaboração para essa pulsão é possível. Um retorno ao objeto é o que visa o psiquismo de Bill. Ele retorna para casa, encontra sua máscara na cama, ao lado de Alice. Ele foi desmascarado por Alice desde o início da história, quando ela sadicamente lhe colocou numa posição de passividade que até então ele não havia podido assumir. Nesse momento, porém, ele ocupa esse lugar, senta na cama e diz que vai contar a Alice tudo o que houve relativo à máscara que se perdeu. Masoquistamente ele se coloca à disposição de Alice, o que o faz retomar sua relação com o objeto, representado por Alice, reconciliando assim com seu desejo (masoquista) através do retorno do investimento ao objeto externo, podendo assim se identificar com ele e se satisfazer na fantasia. Na manhã seguinte, saem com a filha para compras de natal, Alice parece confusa, questiona, deixa Bill incerto da continuidade do casamento.

A solução masoquista é tão evidente para os dois, que Alice diz a Bill que eles continuam atrelados, mas há uma coisa que precisam fazer o mais rápido possível, “o que?”, ele pergunta, “*to fuck*”, ela responde aliviada. Não podemos nos esquecer do significado sadomasoquista que essa expressão sexual carrega e sempre vai carregar. Bill e Alice precisam se foder para poderem manter um certo nível de intrincação pulsional que os garante

a vida, nessa solução de compromisso que firmam um com o outro. Sendo assim, reafirmamos que o masoquismo serve à vida, ou a guarda, ou ainda a garante numa relação fundamental de objeto que mantém a pulsão circulando, sem se esvaziar completamente, ou sem ficar completamente sem satisfação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando sobre os conceitos de prazer e masoquismo, escolhemos três textos importantes da obra freudiana que poderiam nos dar, a partir de uma análise crítica, algumas pistas para chegarmos às conclusões que serão expostas aqui: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, “Além do princípio de prazer” e “O Problema econômico do masoquismo”, respectivamente publicados em 1905, 1920 e 1924. Revisitar o texto freudiano, seguindo este percurso, permitiu-nos extrair de tais textos as ideias que nos levam a crer que o masoquismo está ligado à constituição psíquica. Freud inicia sua pesquisa sobre a sexualidade estabelecendo certa normalidade às práticas sexuais ditas perversas até então, e afirmando haver claramente uma relação da perversão com a neurose. Ele escreve: “a neurose é [...] o negativo da perversão” (FREUD, 1905, p. 157). Pensamos que a ideia implícita nesta passagem é a de que a formação psíquica está muito além de um modo específico de estruturação fechado e estático que produz X ou Y como formas de elaboração da pulsão. Temos que considerar que, ao falarmos de “estruturação” psíquica, estamos influenciados por uma conceituação teórica que é tardia a toda teorização psicanalítica freudiana.

Consideramos que o texto freudiano não é estruturalista, tanto pelo fato de estar aquém, temporalmente, deste conceito, como pelo fato de em vários momentos apontar insistentemente para uma intersecção entre a neurose, a perversão e a psicose. Não podemos de forma alguma pensar o psiquismo humano como uma caixa fechada que possui determinados mecanismos que produzem inconscientemente sempre a mesma formatação. Alguns leitores poderiam facilmente criticar essa ideia afirmando que o fato de aceitar a perspectiva estruturalista de funcionamento do psiquismo não necessariamente implica numa fixidez de mecanismos psíquicos, ou que com isso seria produzido sempre uma mesma formatação. Concordaríamos a princípio com essa visão, pois não podemos deixar de considerar que cada indivíduo vai dar uma formatação específica ao seu psiquismo, formatação esta que será influenciada por sua história, suas relações, seu sintoma, sua capacidade de elaboração, entre outros fatores, sendo, dessa maneira, impossível pensarmos em algo posto para o psiquismo humano. Mas nosso objetivo é expandir ainda mais o conceito do psiquismo, de maneira que ele não esteja atrelado necessariamente às estruturas clínicas que usualmente são destacadas para explicar certo padrão de formatação do psiquismo que se refere ou se baseia exclusivamente no recalque, de maneira que a neurose se

torna o modelo principal e *mais saudável* de escolha psíquica. Pensamos que o texto freudiano nos fornece elementos suficientes para que pensemos além das estruturas e não mais a partir delas.

Freud (1920) estabeleceu que o funcionamento psíquico se dá através do princípio de prazer, mas, no mesmo texto, lemos que nem sempre isso pode ser verificado no aparelho psíquico, devido a diversos aspectos. Assim, é necessário ir além do princípio de prazer como regente do funcionamento psíquico, e é esta a proposta do texto de Freud, que parece ter permanecido ainda muito resistente ao abandono das teorias anteriores sobre o funcionamento psíquico. Em “Além do princípio do prazer”, Freud exemplifica um tipo de funcionamento psíquico que parece não ser regido pelo princípio de prazer. Ele toma como exemplo as neuroses de guerra e o já conhecido jogo do *Fort-da*.

Nas neuroses de guerra, os pacientes parecem produzir algum sofrimento relativo ao trauma, mesmo que este já esteja “perdido” no passado de suas vidas. Geralmente são os sonhos o veículo utilizado por estes pacientes para repetir de forma copiosa seus traumas. Considerando os sonhos como realização de desejo, tal como diz Freud, as neuroses traumáticas, através da repetição onírica e outras formas de retorno compulsivo, realizam um desejo, ligado ao sofrimento e à dor. Como outro exemplo, Freud cita sua observação da brincadeira de uma criança, na qual esta jogava um carretel, amarrado por uma linha para fora de sua cama, dizendo algo que foi interpretado como *Fort*, ou seja, “vai”, em alemão. Em seguida, a criança puxava de volta o carretel através da linha e dizia o que foi interpretado como *da*, “aí”, em alemão. Segundo Freud (1920), essa brincadeira representava um jogo psíquico para que esta criança pudesse elaborar a ausência da mãe, produzindo essa mesma ausência metaforizada ludicamente. Consideramos que, mais uma vez, um recurso elaborativo do psiquismo é uma produção de sofrimento.

Claramente, a nosso ver, não é apenas o princípio de prazer que está em questão nestas saídas possíveis de elaboração da pulsão (sexual). Freud em seu texto aponta para isso, mas deixa a questão em aberto, considerando ainda até o final que o princípio de prazer rege o funcionamento psíquico. Consideramos, apesar disso, e de acordo com o próprio texto freudiano, que existe no eu uma forte tendência ao masoquismo como elaboração da pulsão, e, portanto, perseguimos esse caminho para pensar o prazer em relação a este conceito enigmático que é o masoquismo.

Para avançar nesta discussão sobre a tendência masoquista do eu e o prazer em Psicanálise, chegamos ao “Problema econômico do masoquismo”. Neste texto de 1924, Freud avança a respeito da problemática da economia psíquica e da sexualidade humana de modo

geral, esclarecendo o masoquismo e seus tipos: o masoquismo erógeno, o masoquismo feminino e o masoquismo moral. Consideramos de primordial importância esclarecer o conceito de masoquismo feminino teoricamente, pois o texto freudiano nos traz elementos pra isso. Freud (1924) afirma que o material disponível é relativo aos homens, também que o conteúdo das fantasias neste masoquismo remete ao desejo de ser tratado como uma criança levada, ao mesmo tempo em que também remete ao feminino. Só nos resta deduzir que uma possível tradução para isso é que esse masoquismo é da ordem da *passividade*, pois tanto o feminino quanto o infantil apontam para o lugar de passividade do sujeito: aquele no qual o sujeito masoquista deseja ser colocado, ou aquele anteriormente ocupado por este mesmo sujeito, quando em vias de constituição. Devemos passar a denominar esse masoquismo, que remete à passividade do sujeito, como *masoquismo de passividade*. É importante destacar este ponto para que tenhamos em vista que a passividade está em questão na economia e no funcionamento psíquico.

Freud destaca o masoquismo erógeno como aquele que dá origem aos outros dois: o masoquismo moral e o masoquismo de passividade (como nós o denominamos), destacando ainda o conceito do sadismo como responsável pelo movimento pulsional primário. O sadismo seria o movimento do eu de projetar a pulsão de morte para fora do aparelho psíquico, ligando-a a um objeto externo; mas, como adverte Freud (1924) uma parte dessa pulsão ainda permaneceria dentro do aparelho psíquico a serviço da função sexual, que seria o masoquismo erógeno. Sugerimos que, pensado desta maneira, o movimento de projeção daria origem simultaneamente tanto ao masoquismo (erógeno), como ao sadismo.

Para esclarecermos este ponto, recorreremos ao texto de Laplanche, *Le masoquisme originare dans le champ de la pulsion sexuelle*, no qual repensamos o lugar e a temporalidade do masoquismo na constituição psíquica. Uma importante contribuição que devemos considerar aqui é a diferenciação feita entre o par sadismo/masoquismo e a agressividade, sendo o par sadismo/masoquismo colocado no campo das tendências que comportam necessariamente um elemento de excitação ou de gozo sexual; já a agressividade é localizada no campo do não-sexual. Essa agressividade não-sexual é pressuposta como aporte teórico para podermos falar de uma sexualidade que surge por apoio sobre as funções de autoconservação. Essa aposta teórica coloca o outro e a relação com ele como essenciais para o surgimento da sexualidade, já que Laplanche considera que o corpo só serve como apoio se for seduzido, erotizado, co-excitado pelo outro.

Freud (1915) afirma que a pulsão se volta para fora como exercício de violência ou de poder, em seguida ela se volta contra o eu e o objeto externo é então abandonado. Como a

pulsão se torna passiva (no sentido específico de se voltar contra o próprio sujeito), nesse movimento, o objeto passa a ser investido de forma passiva, caracterizando o masoquismo propriamente dito. A partir de Laplanche (1992), dizemos que o primeiro momento que Freud descreve como sadismo é apenas agressividade, que vai retornar ao eu num movimento de auto-agressividade devido à relação com o outro, na qual bebê é efratado pela sexualidade, e a função de apoio é perdida. O mais importante dessa leitura é a observação de que o masoquismo é o tempo sexual primário ao invés do sadismo, como anteriormente pensado nas elaborações freudianas. É a partir do movimento masoquista de submissão ao outro que a sexualidade vai surgir.

Pensamos que o desprazer não se liga necessariamente à dor; assim como não há exclusividade do prazer na satisfação da pulsão. A repetição masoquista que visa a dor e o sofrimento como meio de suportar esse desejo ligado ao masoquismo erógeno (que será retomado mais tarde), é vivida como desprazer, e o é desta forma devido à não suportabilidade da condição masoquista da sexualidade.

É notório o caráter privilegiado do masoquismo na constituição da sexualidade humana. A posição passiva da criança com relação ao adulto não é somente passividade de comportamento com relação à atividade adulta, mas passividade com relação à fantasia do adulto que faz intrusão nela (LAPLACHE, 1992, p. 52; tradução nossa).

O masoquismo é, portanto, originário na constituição psíquica e está inteiramente ligado à economia psíquica, no sentido de que a repetição das fantasias masoquistas, de alguma maneira, dão forma a pulsão. É o masoquismo que produz uma intrincação pulsional, permitindo ao eu uma sobrevivência estável, que sempre vai de alguma maneira atualizar as vivências masoquistas relativas à intrusão da sexualidade feita pelo outro nos momentos mais arcaicos da vida. Devemos conservar a ideia de que para além de busca de prazer através da descarga total da pulsão, existe concomitantemente uma produção de desprazer que busca a mesma estabilidade psíquica antes apontada como possível na descarga da pulsão.

Se todo encontro é um reencontro (com o objeto) (FREUD, 1915), e o reencontro com o objeto original tem menos valor do que a apropriação de um objeto qualquer que possa causar o mesmo estímulo (BERSANI, 1984), concluímos que a repetição é um movimento masoquista do eu, que busca refinar cada vez mais o objeto substituto conservando a estabilidade da intrincação pulsional promovida pelo masoquismo originário. A sexualidade é algo com que o eu não consegue lidar, pois carrega os traços das vivências de sexualidade infantil, na qual a criança é violentamente emergida, culminando na necessidade do masoquismo. Esse masoquismo-resposta se dá na intersecção entre a passividade completa

com a qual a criança é efratada pela sexualidade do adulto e a natureza perverso-polimorfa da pulsão. Como resultado tem-se uma sexualidade masoquistamente constituída que promove a intrincação pulsional, permitindo assim, que o eu se estruture psiquicamente de maneira suficiente para lidar com a sexualidade e promovê-la.

Consideramos que a sexualidade pode ser pensada como uma tautologia para masoquismo. “Talvez seja só porque a sexualidade é ontologicamente fundamentada em masoquismo que o organismo humano sobrevive ao hiato entre o período de estímulos disruptivos e o desenvolvimento de estruturas de ego resistentes ou defensivas [...]” (BERSANI, 1984, p. 34; tradução nossa). O masoquismo é um tipo de guardião da vida (ROSENBERG, 2003).

Para compreendermos o masoquismo enquanto um guardião da vida, analisamos a última obra de Stanley Kubrick: “De olhos bem fechados”. O título nos remete à “atenção flutuante”, tornando possível uma analogia: é preciso pensar sobre o que está além do que podemos ver/ouvir de olhos/ouvidos abertos. Em nossa análise buscamos o que poderíamos perceber de olhos bem fechados, que está além do princípio de prazer, como sua resposta à sexualidade. Buscamos, portanto, o masoquismo.

O cotidiano da primeira cena serve de contraponto com o catastrófico dos eventos subsequentes, nos quais os dois protagonistas são invadidos por uma passividade com a qual não se permitem se identificar. A indiferença está estampada em gestos, reclamações e vivências de um casal “perfeito” que se arruma para uma festa. A festa é um encontro marcado com o desejo masoquista de passividade de cada um, suscitado pelos eventos aos quais se submetem ali. Bill e Alice separam-se depois de uma dança e vivem, cada um, sua sexualidade de forma distinta.

Bill reencontra o amigo do passado, Nightingale e se vê invadido por suas lembranças e pela enigmática decisão do amigo de abandonar a medicina. Logo após, passa pela circunstância de ser seduzido por duas jovens, sereias, que prometem levá-lo ao fim do arco-íris, mas são interrompidas pelo chamado de Ziegler, que solicita a Bill que reanime uma mulher. O cenário que guarda o sexual é onde Bill reanima a passividade que até então estava adormecida em seu psiquismo, metaforizada na mulher desmaiada no banheiro por causa de uma *overdose*. Não poderíamos deixar de ressaltar o sentido de excesso que este termo carrega e que Bill irá levar ao pé da letra durante seu percurso de excitação excessiva do seu desejo (tomado por nós como essencialmente masoquista). Alice, alcoolizada, é “brutalmente” seduzida por um homem que lhe coloca num lugar de extrema passividade. Enquanto dançam, Alice diz que é casada, mas se deixa levar pela sedução, o que suscita nela uma sexualidade

que ainda não havia se permitido vivenciar, mas apenas fantasiar. Perturbada pelo lugar em que havia sido colocada na festa, coloca em questão essa sexualidade passiva em Bill, num ato sádico de contar ao marido sua fantasia de traição não realizada, produzida no verão do ano anterior. O casal imerso numa tensão disruptiva, busca encontrar uma saída/descarga para esse desejo relativo à passividade com a qual não se permitem se identificar.

Bill busca, através da repetição, satisfazer esse desejo através de uma “fantasia” precariamente improvisada que lhe daria acesso a uma sexualidade desmedida que poderia lhe aliviar de se haver com seu próprio desejo. Essa construção mal elaborada de Bill é rapidamente reconhecida e ele é “desmascarado”. Pensamos que Bill recorre a um tipo de masoquismo que chamaremos de mortífero, que seria aquele que “deu certo” demais! Neste tipo, a relação de objeto é abandonada aos poucos, passando o investimento libidinal para a excitação em si, o que bloqueia a pulsão de vida (ROSENBERG, 2003). Alice relata então um sonho, no qual ela sadicamente ridiculariza Bill, ao mesmo tempo em que realiza seu desejo masoquista, tanto por identificação ao sofrimento de Bill em vê-la ser fodida por vários homens, como no ato sexual em si de submissão ao ponto de não saber quantos eram os homens que a penetravam incessantemente, numa forma de elaboração de sua fantasia. Mesmo assim, Alice se vê brutalmente invadida por esse desejo com o qual ela ainda não se identifica, sendo a elaboração onírica insuficiente para abarcar a angústia em relação a essa sexualidade masoquista que havia sido suscitada anteriormente.

Ao fugir da perseguição de um dos homens que o havia desmascarado, Bill para numa banca e pega despreziosamente um jornal, cuja capa dizia “Sorte de estar vivo” e trazia numa página qualquer uma reportagem sobre a morte da Ex-rainha da beleza, Amanda (Mandy). Metaforicamente: a vida ganha destaque sobre a morte que aparece como segundo plano; para Bill, aquilo que havia sido despertado a partir do encontro com Mandy, agora morre. Esse movimento é concretizado quando Bill vai ao necrotério atestar a morte (de Mandy). Bill se identifica com a passividade da morte de Mandy, que havia suscitado seu desejo (masoquista), o que torna possível que ele retome, psiquicamente falando, o masoquismo originário e o atualize, recobrando a relação de objeto e se colocando passivamente em sua relação com Alice. Fica claro como o masoquismo serve a vida, e mais especificamente que o masoquismo é o guardião da vida (ROSENBERG, 2003), pois ele funda a relação de objeto e permite, num momento secundário, a partir do masoquismo moral, a manutenção da intricação pulsional.

Bill, depois dessa cena, volta pra casa, para Alice, e se entrega passivamente a ela lhe contando seu percurso excitatório. Procurando ver de olhos bem fechados, percebemos que é

esta cena que os permite reestabelecer com mais segurança a relação antes abalada. Sadicamente, Bill e Alice podem aprofundar sua relação, vivendo por identificação o masoquismo de cada um, o que lhes garante a integridade do eu e, portanto, a vida. Essa solução masoquista é metaforizada nas últimas palavras do casal: Alice diz que a relação continua, mas precisam fazer uma coisa o mais rápido possível “o que?”, Bill pergunta, “*to fuck*”, ela responde aliviada. Não podemos desconsiderar o significado sadomasoquista que essa expressão carrega. Bill e Alice precisam se foder para poderem manter um nível de intricação pulsional que os garanta a vida, nessa solução de compromisso que firmam um com o outro. Sendo assim, reafirmamos que o masoquismo serve à vida, ou a guarda, ou ainda a garante numa relação fundamental de objeto que mantém a pulsão circulando, sem se esvaziar completamente, ou sem ficar completamente sem satisfação.

REFERÊNCIAS

BELO, F. *Resumo sobre A posição originário de masoquismo no campo da pulsão sexual, de Jean Laplanche*. Inédito.

BERSANI, L. (1984) Sexuality and aesthetics. *The Mit Press*. Vol. 28, october, Spring, pp. 27 – 42.

LAPLANCHE, J. (1992). La position originaire du masochisme dans le champ de la pulsion sexuelle. In: _____. *La révolution copernicienne inachvée*. Paris; Aubier, pp. 37 – 58.

FREUD, Sigmund. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago editora, 1996. P. 119 – 231.

FREUD, Sigmund. (1905). Fragmentos da análise de um caso de histeria. In: _____. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago editora, 1996. P. 15 – 116.

FREUD, Sigmund. (1915). Instinto e suas vicissitudes. In: _____. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago editora, 1996. P. 115 – 144.

FREUD, Sigmund. (1920). Além do princípio de prazer. In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago editora, 1996. P. 13 – 71.

FREUD, Sigmund. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago editora, 1996. P. 175 – 188.

IMDB. *Eyes wide Shut (1999)*. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0120663/>>. Acessado em: 26 mar 2014.

OLHOS bem fechados, De. Direção: Stanley Kubrick. Produção. Los Angeles: Waner Bros., 1999. 1 DVD (159MIN), color.

RIBEIRO, P. C. (2003). Stanley Kubrick se matou: o que se pode ver de olhos bem fechados. *Revista Percursos*. Nº. 30, pp. 13 – 14.

ROSENBERG, B. (2003). *Masochismo mortífero e masochismo guardião da vida*. São Paulo: Escuta. 208p.